

2º CICLO  
MESTRADO EM PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA/ LÍNGUA ESTRANGEIRA

**Fraseologia e Gestos no Ensino de  
Português Língua Estrangeira para  
Hispanofalantes**  
**Bárbara Maria da Costa Azevedo**

**M**

2017



**Bárbara Maria da Costa Azevedo**

**Fraseologia e Gestos no Ensino de Português Língua Estrangeira  
para Hispanofalantes**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira, orientada pela Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte

Coorientada pela Professora Doutora Ana Belén García Benito

Orientador de Estágio, Professora Doutora Ana Belén García Benito

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017



# Fraseologia e Gestos no Ensino de Português Língua Estrangeira para Hispanofalantes

Bárbara Maria da Costa Azevedo

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua  
Estrangeira orientado pela Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte

Orientadora de Estágio, Professora Doutora Ana Belén García Benito  
Supervisora de Estágio, Professora Doutora Ana Belén García Benito

## Membros do Júri

Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ângela Cristina Ferreira de Carvalho  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Rogelio Ponce de León Romeo  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores



*“Tudo aquilo que sou, ou pretendo ser, devo a um anjo:  
minha mãe.”*

*Abraham Lincoln*

## Sumário

Agradecimentos .....	9
Resumo.....	10
Abstract .....	11
Resumen.....	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	13
Introdução.....	14
Capítulo 1 – Enquadramento teórico .....	17
1. Fraseologia .....	18
1.1. Características das unidades fraseológicas.....	21
1.2. Propostas de classificação das unidades fraseológicas .....	23
1.2.1. Julio Casares (1950) .....	23
1.2.2. Alberto Zuluaga (1980) .....	25
1.2.3. Gloria Corpas Pastor (1996).....	27
2. Comunicação não verbal .....	30
2.1. Elementos que constituem a comunicação não verbal .....	31
2.2. Estrutura tripartida da comunicação básica.....	32
2.2.1. Paralinguagem .....	33
2.2.2. Quinésia.....	34
2.2.2.1. Gestos.....	35
2.2.2.1.1. Tipos de gestos e sua função .....	38
2.2.2.1.2. <i>Continuum de Kendon</i> .....	40
2.2.2.1.2.1. Emblemas.....	41
Capítulo 2 – Metodologia usada em duas unidades didáticas de PLE .....	43
1. Didática das unidades fraseológicas associada a emblemas .....	44
2. Apresentação metodológica das duas unidades didáticas .....	45
2.1. Descrição da turma.....	45
2.2. Metodologia aplicada.....	46
2.2.1. Primeira unidade didática .....	47
2.2.2. Segunda unidade didática .....	52
Conclusão .....	57
Referências bibliográficas .....	59

Anexos.....	63
Anexo 1.....	64
Anexo 2.....	71
Anexo 3.....	82
Anexo 4.....	84

## **Agradecimentos**

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela formação académica e pessoal.

À Sra. Professora Doutora Isabel Margarida Duarte, por me ter aconselhado a realizar o Estágio Pedagógico fora de Portugal e pelo acompanhamento e atenção incondicionais durante a preparação deste relatório.

À Sra. Professora Doutora Ana Belén García Benito, pela orientação durante o estágio, conselhos e observações na lecionação de aulas e execução deste relatório, mas, também, por toda a dedicação e apoio que me transmitiu durante a minha estadia em Cáceres.

À Catarina Pinheiro que me acompanhou e ajudou ao longo deste percurso académico e com quem partilhei bons e maus momentos.

À Marta Silva, Mariana Marques, Ana Barrosa, Cristina Cardoso e João Garrido, um carinho especial, pela disponibilidade em ajudar-me e ouvir-me e, acima de tudo, pelas palavras e sorrisos de conforto.

À minha família, especialmente aos meus Avós, à minha Madrinha do coração e ao meu Pai, que sempre me incentivaram e me iluminaram o caminho.

À minha amada Mãe, que será sempre a minha estrela e bússola, onde quer que ela esteja, certa de que ela vive em mim.

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre unidades fraseológicas e emblemas do português, no âmbito de uma aula de língua estrangeira no contexto de hispanofalantes. O principal objetivo foi dar a conhecer aos aprendentes unidades fraseológicas e emblemas, sendo possível, assim, estabelecer uma comparação com a sua língua materna, o espanhol. O processo de aquisição de uma língua não se restringe apenas a estruturas lexicais e gramaticais, mas, também, a todos os sistemas de comunicação, sejam eles verbais ou não verbais, visto agregarem todos eles uma grande componente cultural, fundamental para o sucesso do ato comunicativo.

Neste trabalho, são também mencionados balizas teóricas para entender de forma mais clara o tema da fraseológica - as unidades fraseológicas e os gestos - os emblemas, o que nos facilita a sua compreensão e distinção.

Mais, na parte prática, desenvolvemos uma reflexão sobre os materiais utilizados e sobre o processo de aprendizagem dos alunos durante as aulas lecionadas, pois, do ponto de vista didático, é quase nula a existência de material pedagógico-didático, no âmbito de português língua estrangeira.

Através deste relatório, pretendemos demonstrar que, no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, é fundamental dar a conhecer as unidades fraseológicas e os emblemas, porque estes são intrínsecos a uma cultura, a um povo, a uma comunidade e ao olhar que estes têm sobre o mundo e o Outro.

**Palavras-chave:** ensino/ aprendizagem, português língua estrangeira, unidades fraseológicas, gestos, emblemas, hispanofalantes.

## Abstract

The present study aims to reflect about phraseological units and Portuguese emblems within a foreign language classes in a setting with Spanish speakers. The main goal was to provide knowledge about phraseological units and emblems to the students, making it possible, then, to establish a comparison with their native language, Spanish. The process of language acquisition isn't limited only to lexical and grammatical structures, it also covers all the communication systems, whether they are verbal or non-verbal, since all of them gather a big cultural content that is essential to the success of the communication act.

In this work, theoretical marks are also mentioned in order to understand more clearly the theme of phraseology – phraseological units and gestures – the emblems, what makes it easier to understand and differentiate them.

More, in the practical part, we developed a reflexion about the used materials and about the learning process of the students throughout the classes taught, because from the teaching point of view, the existence of didactic-pedagogical material is almost null within the context of Portuguese as a foreign language.

Through this report, we intend to demonstrate that, in the teaching and learning of a foreign language, is fundamental to make known the phraseological units and emblems, because these are inherent to a culture, to a people, to a community and to the look that they have towards the world and the Other.

**Keywords:** teaching/ learning, Portuguese as a foreign language, phraseological units, gestures, emblems, Spanish speakers.

## Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre las unidades fraseológicas y los emblemas del portugués, en el ámbito de clases de lengua extranjera en un contexto de hispanohablantes. El objetivo principal fue dar a conocer a los aprendices unidades fraseológicas y emblemas, siendo posible, así, establecer una comparación con su lengua materna, el español. El proceso de adquisición de una lengua no se limita únicamente a las estructuras léxicas y gramaticales, sino que engloba también todos los sistemas de comunicación, sean verbales o no verbales, ya que todos ellos conllevan un gran contenido cultural, fundamental para el éxito del acto comunicativo.

En el trabajo, se tendrán en cuenta diversos marcos teóricos para abordar de forma más clara el asunto de la fraseología – las unidades fraseológicas y los gestos – los emblemas, lo que nos facilitará su comprensión y distinción.

Por otro lado, en la parte práctica, llevamos a cabo una reflexión sobre los materiales utilizados, así como sobre el proceso de adquisición de los estudiantes durante las clases impartidas, pues desde el punto de vista didáctico es casi nula la existencia de material pedagógico-didáctico, en el ámbito del portugués lengua extranjera.

A través de la memoria, pretendemos demostrar que, en la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera, es fundamental dar a conocer las unidades fraseológicas y los emblemas, porque son intrínsecos a cada cultura, a cada pueblo, a cada comunidad y propios de su mirada sobre el mundo y sobre el Otro.

**Palabras-clave:** enseñanza/ aprendizaje, portugués lengua extranjera, unidades fraseológicas, gestos, emblemas, hispanohablantes.

## **Lista de abreviaturas e siglas**

<b>Sigla</b>	<b>Denominação</b>
E	Emblema
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
PLE	Português Língua Estrangeira
QECRL	Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas
UF	Unidade Fraseológica

## Introdução

*“O maior desafio para qualquer pensador é enunciar o problema de tal modo que possa permitir uma solução”<sup>1</sup>*

Bertrand Russell

O ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) é um processo de extrema complexidade, pois adquirir estruturas lexicais e gramaticais não é suficiente para que os aprendentes possam comunicar. É necessário conhecer a cultura, o povo, a história, a sua forma de pensar. Por isso, ao longo do processo de aquisição de uma LE, além do ensino da linguagem verbal em sentido estrito, (sintaxe, fonética, léxico), pressupõe-se também o ensino de questões pragmáticas, sociais, geográficas, situacionais e culturais, pois a comunicação humana está condicionada por todos os sistemas de comunicação verbal e não verbal, fundamentais para uma comunicação bem sucedida entre os falantes.

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, a língua e a cultura são inseparáveis.

(...) à medida que a experiência pessoal de um indivíduo no seu contexto cultural se expande, da língua falada em casa para a da sociedade em geral e, depois, para as línguas de outros povos (...), essas línguas e culturas não ficam armazenadas em compartimentos mentais rigorosamente separados; pelo contrário, constrói-se uma competência comunicativa, para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas se inter-relacionam e interagem.

(QECRL, 2001: 23)

---

<sup>1</sup> Em

<http://www.mundodospensamentos.com.br/autor.php?id=Bertrand%20Arthur%20William%20Russell> acedido a 19/09/2017.

Posto isto, não é suficiente conhecer o sistema verbal e as regras linguísticas de uma LE, visto ser necessário estar consciente da realidade cultural e do sistema de comunicação do Outro.

O presente relatório tem como objetivo refletir sobre as unidades fraseológicas<sup>2</sup> (UFs) associadas a emblemas<sup>3</sup> (Es), no ensino de português como língua estrangeira (PLE) a hispanofalantes<sup>4</sup>. Este exercício de reflexão e construção de estratégias e materiais permitiu dar a conhecer aos aprendentes diversas UFs, assim como os gestos que lhes estão associados, tornando-se possível estabelecer uma comparação e um contraste com a sua língua materna (LM), o espanhol.

A escolha destes temas provem do facto de serem assuntos de extrema complexidade no ensino e aprendizagem, por serem dois temas indiscutivelmente indissociáveis e, ainda, por serem pouco estudados do ponto de vista didático, ou seja, tivemos em conta a quase inexistência de material pedagógico-didático relativamente a eles, assim como de enquadramento teórico.

Conhecer as UFs e os Es que estão vinculados a elas é entrar na cultura de um povo e modificar a nossa forma de ver o mundo e o Outro.

Aprender uma língua estrangeira é aprender a forma de ser, de pensar, de sentir e de agir, isto é, a cultura implícita na língua-meta. Mas aprender uma língua estrangeira também é aprender a comunicar-se com ela e saber usá-la em situação real.

(FIGUEIREDO & FIGUEIREDO, 2010: 155)

Este relatório divide-se em dois capítulos, seguidos de conclusão, bibliografia e anexos.

---

<sup>2</sup> Conceito descrito no primeiro subcapítulo do Capítulo I deste relatório.

<sup>3</sup> Conceito descrito no segundo subcapítulo do Capítulo I deste relatório.

<sup>4</sup> Alguns relatórios e outros projetos de investigação foram feitos no âmbito de mestrado de ensino línguas como de Nascimento Dominique (2008), Polónia (2009), Vaz Orta (2013) e Silva (2014). A especificidade desta investigação decorre da articulação entre as UFs e os Es que as acompanham e da respetiva transposição pedagógica no contexto do ensino de PLE a estudantes espanhóis.

No primeiro capítulo, procede-se a um enquadramento teórico, em que se reflete sobre fraseologia e sobre gestos e são ainda tecidas algumas considerações sobre a fraseologia e as unidades fraseológicas, tentando distinguir os diferentes tipos de UFs e as suas características, mas, também, refletirmos sobre a comunicação não verbal, mais concretamente os Es.

No segundo capítulo, é realizada uma descrição de todo o contexto de estágio (local, grupo de aprendentes, nível dos aprendentes, segundo o QECRL), bem como, das propostas de atividades didáticas no âmbito das UFs e Es, no caso específicos do ensino de português língua estrangeira a hispanofalantes.

Na elaboração deste trabalho recorreu-se a conhecimentos apresentados em diversas publicações de autores reconhecidos nestas temáticas, a teses e a relatórios realizados no âmbito de mestrados de ensino de línguas. Deve, no entanto, referir-se que, devido à diversidade de informação disponível sobre estas temáticas, a pesquisa efetuada não pretendeu ser de nenhum modo exaustiva, mas sim representativa das principais questões e preocupações associadas às mesmas.

Como consideração final, importa sublinhar que o presente trabalho poderá apresentar algumas limitações. Contudo, poderá ser um ponto de partida para futuras investigações e, principalmente, servir de orientação e fornecer ferramentas para futuros professores que pretendam ministrar português a estrangeiros.

## **Capítulo 1 - Enquadramento Teórico**

## 1. Fraseologia

*“A fraseologia é o modo normal de ser e estar perante a língua e o mundo.”*

Mário Vilela, 2002: 188

A formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem estão determinados por regras do sistema, mas também por estruturas pré-fabricadas.

O aspeto mais estável das línguas vai desde as sequências memorizadas até à combinação de palavras mais ou menos fixas.

A fraseologia, disciplina científica, é uma subdisciplina da lexicologia<sup>5</sup>, que se ocupa de grupos de palavras, ou seja, do estudo dos elementos de formação das palavras nas suas diferentes estruturas, trata do valor etimológico e das diversas aceções das palavras em determinadas combinações fixas. Contudo, quando nos referimos ao termo fraseologia, deparamo-nos com dificuldades como o seu âmbito, pois encontra-se numa área bastante complexa, abrangendo a lexicologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática e a gramática, havendo autores que dizem que se inserem na lexicologia e outros na gramática. Por este motivo, este termo envolve muitas controvérsias, pois os linguistas não estão de acordo com os fenómenos que deve englobar. A abundância terminológica e as diversas classificações são um dos muitos problemas existentes.

Corpas Pastor (1996: 16) afirma que, generalizadamente, a fraseologia engloba características específicas das construções próprias de um determinado indivíduo, grupo ou língua. Aliás, a sua conceção é mais ampla, porque contém combinações com as seguintes características: expressão formada por várias palavras, institucionalizada, estável em vários graus, apresentando uma certa particularidade sintática ou semântica e caracterizada pela possibilidade de variação dos seus elementos integrantes, sejam variantes lexicalizadas na língua ou modificadores ocasionais em contexto; e, por outro

---

<sup>5</sup> O *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015: 2395) diz que a lexicologia “ (...) 1 LING parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, à sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspetiva sincrónica ou diacrónica; lexicologia (...)”.

lado, mais restritas, porque excluem todos os possíveis usos ou formas individuais que não pertencem à língua em geral.

Visto isto, as unidades fraseológicas, objeto de estudo da fraseologia, são formadas por mais de duas palavras gráficas no seu limite inferior e no seu limite superior por uma oração composta. Estas caracterizam-se pela sua alta de frequência de uso e coaparição dos seus elementos integrantes; pela sua institucionalização, ou seja, fixação e especialização semântica; pela idiomaticidade e potenciais variações; e pelo grau.

Segundo o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015: 1900) a fraseologia é:

**Fraseologia 1** GRAM a parte da gramática que se dedica ao estudo da frase. **2** ESTL GRAM o conjunto das construções mais características de uma língua ou de um escritor <a f. latina> <a f. de José Saramago>. **3** GRAM LEX LING frase feita, expressão idiomática, idiomatismo (p.ex., *fazer uma tempestade num copo de água*) **4** estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua **5** m.q. FRASISMO **6** MÚS estudo da organização métrica de uma composição. ◇ USO neste dicionário, faz-se uma diferença entre *fraseologia* (“frase feita”) e locução, sendo que a primeira é mais longa ger. possui verbo, e a segunda é um sintagma ou locução cristalizada, com sentido figurado ou não (deu-se prioridade às locuções, e poucas fraseologias são registadas) ◇ ETIM *frase* + -o- + -logia, prov. pelo fr. *Phraséologie* (1678) ‘recolha de palavras feitas para o estudo de uma língua’, este do lat. do Renascimento *phraseologia*; ver *fras(e)*-.

Por sua vez, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001: 1815) diz:

**Fraseologia** [frɛzʒuluziɐ]. s.f. (Do gr. Φρασεολογία). 1.*Gram.* Estudo de frases peculiares pertencentes a um domínio, a um escritor, a uma língua... 2. *Gram.* Conjunto de expressões de uma língua que funcionam semântica e

sintacticamente como uma palavra. 3. Utilização excessiva de palavras pomposas, sem sentido.

Por seu turno, o *Diccionario da Real Academia Española*<sup>6</sup> refere-se a fraseologia como:

### **Fraseología**

1. f. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época, actividad o individuo.
2. f. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces.
3. f. Palabrería<sup>7</sup>.
4. f. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas, y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo.
5. f. Parte de la lingüística que estudia las frases, los refranes, los modismos, los proverbios y otras unidades de sintaxis total o parcialmente fija.

Estas definições, ainda que distintas, afirmam, em comum, que a fraseologia se refere a um conjunto de expressões utilizadas por uma comunidade, grupo ou indivíduo de uma determinada língua. Ou seja, podemos constatar que estas expressões são a “imagem” de uma determinada cultura, que permite ao homem comunicar e compreender o mundo que o rodeia. Isto revela criatividade por parte desta comunidade, grupo ou indivíduo, pois é visível uma reflexão sobre lugares, formas de pensar, experiências, imaginário e identidade da sua própria cultura.

No que diz respeito a especialistas da fraseologia que se debruçam sobre esta temática, também encontramos variações quanto à nomenclatura utilizada.

Polónia (2009: 359), citando Rebelo (2000), utiliza o termo expressões idiomáticas, sendo estas “combinações de palavras que se fixam no discurso por meio

---

<sup>6</sup> Em <http://dle.rae.es/?id=IPoTKej> acedido a 21/10/2016.

<sup>7</sup> “ Palabrería 1. f. Abundancia de palabras vanas y ociosas.” Em <http://dle.rae.es/?id=RUusWE1> acedido a 08/02/2017.

de uma contínua enunciação, e por uma transposição de sentidos que provoca uma dimensão metafórica.”

Por outro lado, Vilela (2002: 161), recorre ao termo “frasesmas”: funcionam como um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, carácter de signo e têm por isso uma função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objetos ou de estado de coisas.

Já Corpas Pastor (1996: 20) e outros autores como Zuluaga (1980), usam o termo unidades fraseológicas definindo-as como “unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su limite inferior, cuyo limite superior se situa en el nivel de la oración compuesta.”

Por outras palavras, a fraseologia dedica-se ao estudo de expressões/combinções fixas constituídas por duas ou mais palavras que se cristalizam numa língua pelo seu uso recorrente e pelo seu sentido metafórico diferente do literal.

Posto isto, a nomenclatura escolhida para o desenvolvimento deste relatório será a de Corpas Pastor, unidades fraseológicas, por nos parecer que o termo utilizado é o mais genérico e consensual, utilizado recorrentemente na literatura da especialidade.

### **1.1. Características das unidades fraseológicas**

Segundo Corpas Pastor (1996: 20), as UFs apresentam determinadas especificidades que nos permitem caracterizá-las:

se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semântica; por su idiomaticidad y variación

pontenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.<sup>8</sup>

A partir destas classificações, podemos constatar que as características definitórias adotadas são:

- frequência, contendo as seguintes variantes – frequência de coaparição dos seus elementos integrantes e a frequência do uso da unidade fraseológica tal como é;
- institucionalização, ou segundo Zuluaga (1980: 95) reprodução (reproducción), que diz respeito a repetição da unidade fraseológica sem alteração da sua forma;
- estabilidade, que se encontra subdividida em fixação<sup>9</sup> – “dicha propiedad puede ser definida como suspensión de alguna regla de la combinación de los elementos del discurso.” (Zuluaga, 1980: 99) e especialização semântica, também denominada lexicalização, que consiste numa associação direta entre a unidade fraseológica e a interpretação semântica de uma dada comunidade, que está a sofrer uma alteração semântica. No entanto, para este processo funcionar corretamente, primeiro é necessário que haja uma fixação da UF, para mais tarde ocorrer uma alteração semântica;
- idiomaticidade, considerada a característica fundamental das UFs para a Escola de Investigação Anglo-Americana, designa uma lexicalização ou especialização semântica no seu grau mais alto. Mais ainda, as UFs apresentam um significado denotativo literal e um significado denotativo figurado, sendo o último responsável pelo traço da idiomaticidade;
- variação, característica que segundo Corpas Pastor põe em causa a fixação, pois considera esta última relativa. Esta ramifica-se em variantes<sup>10</sup> e modificações.

Estas deben darse dentro de la misma lengua funcional. Las variantes en sentido estricto no pueden presentar diferencias de sentido. Son libres,

---

<sup>8</sup> A autora afirma que não vai tratar do conceito/ característica polilexicalidade por entender que este se encontra implícito na definição.

<sup>9</sup> Os linguistas soviéticos e europeus (Escola Soviética e Europeus Continentais) consideram este traço o mais importante e, por isso, todos os seus estudos se desenvolvem em torno desta característica.

<sup>10</sup> Para aprofundar variantes consultar García Page (2008) e Zuluaga (1980).

independientes de los contextos. Las variantes fraseológicas son parcialmente idénticas en su estructura y en sus componentes; es decir, la variante se produce mediante sustitución de una parte de la expresión: de uno, o solo algunos, de los elementos componentes. La sustitución misma es fija: en cada caso, los elementos (sustituyente y sustituido) están previamente fijados, preestablecidos. (Zuluaga, 1980: 109)

Por sua vez, as modificações dizem respeito à capacidade que as unidades fraseológicas têm de ser reconhecidas pelos falantes. Estas são diretamente proporcionais ao grau de fixação das mesmas, pois quanto maior é o seu grau de fixação e institucionalização, maior é a probabilidade de ocorrerem modificações;

- gradação, por fim, que por sua vez apresenta uma escala que se pode observar pela sua estrutura semântica, pela sua institucionalização, variação e fixação estrutural das unidades fraseológicas. Esta característica permite distinguir os diferentes tipos de UFs através do seu grau de opacidade.

## **1.2. Propostas de classificação das unidades fraseológicas**

### **1.2.1. Julio Casares (1950)**

Segunda Corpas Pastor (1996), Julio Casares foi o primeiro espanhol a debruçar-se sobre este tema, criando uma classificação para as UFs na língua espanhola. Aqui, o autor distingue entre locuções e fórmulas pluriverbais, expressão na qual se encontram incluídas expressões proverbiais/provérbios e refrões. A locução, segundo Casares, é “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes” (Casares, 1969: 170). Neste ponto, o autor distingue entre locuções conetivas (“conexivas”), onde encontramos locuções conjuntivas e prepositivas, pois limitam-se a estabelecer uma ligação sintática, e as locuções conceptuais (“conceptuales”) ou significativas (“significantes”), porque correspondem a uma representação mental, uma ideia, um conceito, grupo onde nos deparamos com as

seguintes categorías: nominais (“nominales”), adjetivais (“adjetivales”), verbais (“verbales”), participiais (“participiales”), adverbiais (“adverbiales”), pronominais (“pronominales”), interjetivas / exclamativas (“interjectivas”).

De seguida, o autor fala de expressões proverbiais (“frases proverbiales”) classificando-as como “una entidad léxica autónoma que no se sometería sin violència a servir de elemento sintáctico en el esquema de la oración” e como expressões que se mantêm “en la memoria de los hablantes” (Casares, 1969: 190-191). Neste ponto, também se fala de “valor consabido” ou sabedoria popular, visto que muitas destas expressões proverbiais não são completamente compreendidas, por conterem um cariz idiomático, apesar de muitas delas serem recorrentes no dia a dia.

Segue-se o termo refrão ou “refrán”, termo cujo conteúdo se pode confundir com expressão proverbial, devido à sua proximidade de significado. Casares (1969: 192) explicita-o como

una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. -, a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas. En la mayoría de los casos las dos ideas están expresas.

Nas considerações finais da sua obra, o autor clarifica a distinção entre ambos os termos, afirmando que “El proverbio, en general, como fruto de experiencias acumuladas, tiene su fundamento en el pasado, pero nace de cara al por venir. (...) La frase proverbial, por el contrario, no adquiere el carácter de tal por voluntad del que invento, ni se destina a la posteridad; es esta la que a fuerza de repetir y aplicar la frase acaba por darle el carácter de proverbial” (Casares, 1969: 194). De seguida, Casares elucida que

el refrán lleva siempre visibles las huellas de una elaboración estudiada y artificiosa, que aprovecha recursos tan varios como el metro, la rima, la aliteración, el paralelismo, la similitud, el dialogismo y toda clase de figuras de dición y licencias, sin excluir la deformación intencional de las

palabras, ni la dislocación de la sintaxis. La frase proverbial, por el contrario, se nos ofrece como una expresión espontánea, y si alguna vez esa expresión parece propia de la lengua escrita, es porque alguien la sacó, antes de que se hiciera popular, de alguna obra literaria. (Casares, 1969: 194)

Através das suas reflexões, foi possível iniciar o estudo da fraseologia em espanhol, o que permitiu distinguir os diversos tipos de fraseologia e continuar o estudo sobre este tema.

### **1.2.2. Alberto Zuluaga (1980)**

Zuluaga propõe o termo *expresiones fijas* (*expresiones fijas*) ou *unidades fraseológicas*, justificando a sua nomenclatura com a seguinte definição:

Las llamamos “expresiones fijas” porque su rasgo constitutivo es la fijación, o, también “unidades fraseológicas” porque funcionan como unidades en diferentes niveles gramaticales y porque, con muy pocas excepciones perfectamente identificables, están formadas por combinaciones de palabras. (Zuluaga, 1980: 15)

A partir desta definição, o autor salienta a característica central e o que define as *expresiones fijas* – a fixação (“la fijación”). Esta característica determina o “seu lugar” na língua, não sendo consideradas *expresiones* formadas livremente em cada ato de fala, mas sim repetidas como estruturas pré-fabricadas, combinações já feitas: “este rasgo determina su status peculiar en la lengua (y en la descripción lingüística), no son expresiones formadas libremente en el hablar sino repetidas como estructuras prefabricadas, combinaciones “ya hechas” (Zuluaga, 1980: 15). Mais tarde, o autor problematiza esta característica afirmando que a fixação não se explica ao nível do sistema, ou seja, não é determinada por razões funcionais, mas sim ao nível da norma, pois é estabelecida pelo uso.

Seguidamente, o autor distingue combinações fixas de combinações livres, sendo esta considerada uma clássica distinção europeia. As primeiras podem ser

empregues na fala como componentes de combinações livres mais extensas, ou seja, são elementos da técnica discursiva.

Las expresiones fijas, en cambio, son reproducidas en bloque, son construcciones anteriores al acto de habla que no las crea sino que las repite; en otras palabras: las expresiones fijas son producto de procesos de repetición en la diacronia de la lengua. Desde luego, las expresiones fijas pueden, a su vez, ser empleadas en el hablar como componentes de combinaciones libres más extensas; esto quiere decir que son también elementos de la técnica del discurso<sup>11</sup>. (Zuluaga, 1980: 16)

São construções anteriores ao ato da fala, ou seja, são produto de processos de repetição da diacronia da língua. Por seu turno, as segundas são produções em cada ato de fala mediante as regras gramaticais atuais, sendo produto de procedimentos próprios da sincronia da língua. “Las combinaciones libres son producidas en cada acto de habla mediante las reglas de la gramática actual, son productos de procedimientos propios de la sincronia de la lengua”. (Zuluaga, 1980: 16)

Zuluaga, na sua classificação, apresenta uma dupla classificação no que toca a UFs ou, segundo o mesmo, “expresiones fijas”:

1. Os traços da estrutura interna, onde se encontra a fixidez/ fixação e idiomaticidade, critérios que permitiram ao autor distinguir “expresiones fijas (*dicho y hecho*)”, “expresiones semiidiomáticas (*un lobo con piel de oveja*)” e “expresiones idiomáticas (*tirios y troyanos*)”. A fixidez diz respeito ao seu traço formal definatório e a segunda é uma peculiaridade semântica. (Zuluaga, 1980: 135-136)

2. E o valor semântico-funcional no discurso, clarificando que se trata de um conceito interligado com estruturas gramaticais, pois relaciona-se com o facto de reconhecer unidades fraseológicas como possíveis textos, orações, elementos oracionais ou componentes de elementos da oração. Neste ponto, são considerados dois grandes grupos: “enunciados fraseológicos” – expressões fixas que não necessitam de um

---

<sup>11</sup> Como refere o autor, “La técnica del discurso comprende las unidades (lingüísticas: morfemas, categoremas, lexemas, expresiones fijas) y los procedimientos para su empleo (repetición, modificación, combinación) en el texto.” (Zuluaga, 1980: 16)

contexto verbal imediato para estabelecer uma expressão de sentido completo na fala, constituindo, sozinhas, um enunciado. Estes ramificam-se entre enunciados fraseológicos livres, considerados “textos”; e enunciados fraseológicos contextualmente marcados - “frases”, sendo que estes necessitam de um contexto para serem compreendidos). E, por último, as locuções (recorre ao termo de Casares, 1950), expressões que requerem um contexto verbal imediato, visto combinarem-se com outros elementos no interior da frase. (Zuluaga, 1980: 139)

### **1.2.3. Gloria Corpas Pastor (1996)**

Esta autora, na sua obra *Manual de fraseologia española*, editado em 1996, propõe uma nova classificação por considerar que todas as que foram criadas anteriormente eram incompletas. Aqui, a autora propõe agrupar o critério do enunciado (ato de fala) com o de fixação (na norma, no sistema e na fala). Através destes dois critérios, Corpas Pastor estabeleceu uma proposta composta por *três esferas*:

*Esfera 1.* Colocações - Unidades fraseológicas fixadas na norma, que não constituem enunciados nem atos de fala: “son sintagmas completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso (cierta fijación interna). (Corpas Pastor, 1996: 53)

*Esfera 2.* Locuções - São caracterizadas pelos seguintes traços: “fijación interna, unidade de significado y fijación interna pasemática.” (Corpas Pastor, 1996: 88). UFs do sistema, não constituindo, também, como as colocações, atos de fala nem enunciados completos, funcionando normalmente como elementos oracionais. Tendo em conta a função que ocupam numa oração, podemos distingui-las em locuções nominais, adjetivais, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas, *clausales*.

*Esfera 3.* Enunciados fraseológicos, integrados pelas fórmulas e parémias – “son enunciados completos en si mismos, que se caracterizan por constituir actos de habla y por presentar fijación interna (material y de contenido) y externa (Corpas Pastor, 1996:

132). UFs que pertencem apenas “al acervo” sócio-cultural de uma comunidade de falantes. Estas caracterizam-se por serem fixas na fala e por constituírem atos de fala realizados por enunciados completos, dependentes ou não de um contexto específico.

Aqui a autora recorre aos critérios de Arnaud (1991) para distinguir os diferentes tipos de parémias:

\*lexicalização;

\*autonomia sintática;

\*autonomia textual;

\*valor de verdade geral;

\*caráter anónimo.

(Arnaud, 1991 apud Corpas Pastor, 1996: 136)

Visto isto, as parémias possuem um significado referencial e autonomia textual e subdividem-se em três tipos:

- enunciados de valor específico (não cumprem o critério de valor de verdade geral, mas mesmo assim constituem enunciados fraseológicos textuais). (Corpas Pastor, 1996: 137);

- citações (são enunciados extraídos de textos escritos ou de fragmentos falados colocados na boca de uma personagem real ou imaginária. Estas apresentam um sentido denotativo de caráter literal, sendo o critério de caráter anónimo o que permite identificá-las). (Corpas Pastor, 1996: 143);

- refrões (são enunciados que têm uma origem desconhecida. Estes são considerados as verdadeiras parémias, porque agrupam as cinco características anteriormente referidas. Podem ser denominados, também, provérbios, ditos, máximas, adágios, aforismos, apotegmas ou sentenças). (Corpas Pastor, 1996: 147-148)

Por fim, dentro dos enunciados fraseológicos - “Se trata de UFS del habla, con carácter de enunciado, las cuales se diferencian de las paremias por carecer de autonomia textual, ya que su aparición viene determinada, en mayor o menor medida,

por situaciones comunicativas precisas.” (Corpas Pastor, 1996: 170) - deparamo-nos com as fórmulas rotineiras, que são consideradas expressões fabricadas e convencionais cuja utilização depende de situações comunicativas mais ou menos estandardizadas, apresentando, deste modo, um significado social, expressivo ou discursivo, sendo determinado por situações ou circunstâncias concretas. As fórmulas rotineiras ramificam-se em fórmulas discursivas (dependem da situação do discursiva, mantendo o discurso organizado e fluído durante as trocas discursivas) e fórmulas psico-sociais (desempenham uma função facilitadora do desenrolar da interação social, mas também facilitadora da expressão do estado mental e dos sentimentos do emissor).

Posto isto, esta proposta parece-nos a mais clara e simples para aplicar em termos didáticos, pois permite-nos compreender facilmente a distinção entre enunciado fraseológico, colocação e locução.

## 2. Comunicação não verbal

*“As it is well known, in a normal face-to-face interaction, participants use not only words and prosody but also body movements (...)”*

Rodrigues, 2007: 739 (nota de rodapé)

A comunicação não verbal é um conceito que, ao longo dos tempos, tem dado origem a bastante discussão a muitos estudiosos. O termo “não verbal” engloba diversos tipos de comportamentos. Contudo, existem estudiosos que afirmam que o termo “comunicação” já abrange todos os sistemas comportamentais através do qual os indivíduos interagem.

Segundo Kendon (1972: 443, apud Nascimento Dominique, 2008: 11), “It makes no sense to speak of verbal communication and nonverbal communication! There is only communication, a system of behavior patterns by which people are related to one another.”

Através desta citação, podemos constatar que a comunicação humana é bastante complexa, sendo, por este motivo, difícil analisar o comportamento humano verbal e não verbal. Porém, apesar do que este autor afirma e por toda a problemática envolvida, os dois tipos de comunicação são distintos e apresentam especificidades, sendo que alguns estudiosos afirmam que a comunicação verbal inclui apenas o conceito verbal, ou seja, os signos verbais, e, por sua vez, a comunicação não verbal compreende só o sistema de signos culturais, não englobando o conceito verbal.

Com efeito, basear-nos-emos na definição proposta por Poyatos (1994a: 17), que, considerando o aspeto interdisciplinar da comunicação não verbal, diz:

Personalmente, por mi enfoque interdisciplinar, he tratado de definirla de una manera realista como: las emisiones de signos activos o passivos, constituyan o no comportamiento, a través de los sistemas no léxicos somáticos, objetuales y ambientales contenidos en una cultura, individualmente o en mutua coestrtructuración.

É importante referir que os estudos sobre a comunicação não verbal se iniciaram desde muito cedo, tendo sido mencionado este termo pela primeira vez por Charles Darwin, em 1872, data da primeira edição do seu livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals*.

Porém, só a partir da segunda metade do século XX surgiu um grande interesse pela comunicação não verbal através de, por exemplo, Ray L. Birdwhistell, Edward T. Hall e Paul Ekman, que se debruçaram sobre este tema de modo sistemático, conforme nos diz Nascimento Dominique (2008: 12).

## **2.1. Elementos que constituem a comunicação não verbal**

Como explicitado anteriormente, a comunicação verbal, em sentido lato, é de extrema complexidade devido à sua variedade. A interação comunicativa abarca não só as emissões verbais, mas, também, todos os signos e sistemas culturais, verbais e não verbais produzidos pelo Homem, daí a sua problemática.

Cestero (1999: 16-17) afirma que os elementos que integram a comunicação não verbal são:

1) “Los signos y sistemas de signos culturales, es decir, el conjunto de hábitos de comportamiento y ambientales y las creencias de una comunidade que comunican.

2) Los sistemas de comunicación no verbales. Los sistemas de comunicación no verbales por excelencia son dos, fónico y outro corporal:

a) El sistema paralingüístico: cualidades fónicas, signos sonoros fisiológicos o emocionales, elementos cuasi-léxicos, pausas y silencios, que a partir de su significado o de alguno de sus componentes inferenciales comunican o matizan el sentido de los enunciados verbales.

b) El sistema quinésico: movimientos y posturas corporales que comunican o matizan el sentido de los enunciados verbales.

3) Los sistemas de comunicación no verbal culturales.

(...) los denominamos sistemas de comunicación no verbal culturales, ya que algunos de sus signos forman parte de lo que hemos llamado “cultura<sup>12</sup>, (...)”

A autora afirma ainda que existem outros sistemas de signos não verbais que atuam, modificando e reforçando o significado dos elementos do sistema de comunicação básico<sup>13</sup>. São eles: “la proxémica: concepción, estructuración y uso del espacio” e “la cronémica: concepción, estructuración y uso del tiempo.” Mais ainda, deveria acrescentar-se ao sistema todos os signos não verbais comunicativos ou sistema físico: “el químico” (lágrimas, humedecimento dos olhos e lábios, suor); “el dérmico” o (corar das maçãs do rosto, palidez, secura e irritação cutânea); e “el térmico” (alterações da temperatura corporal).

Posto isto, quando observamos o comportamento humano, há que ter em conta todos os elementos que envolvem a comunicação, desde os verbais aos não verbais, pois estes podem influenciar consideravelmente todo o ato comunicativo.

## **2.2. Estrutura tripartida da comunicação básica**

Para Poyatos (1999a), a comunicação básica humana divide-se em três níveis, pelo que denomina este processo “la triple estructura básica de la comunicación humana”, sendo composta pela linguagem, paralinguagem e quinésia. A linguagem é constituída por elementos verbais, vocais e lexicais; a paralinguagem por signos vocais não verbais; e a quinésia por signos não vocais e não verbais. Todos estes níveis interagem uns com os outros. Contudo, há que ter em conta que a cronémia e proxémia, apesar de integrarem os sistemas culturais, podem atuar sozinhas ou influenciar o sistema básico, alterando ou reforçando a parte linguística, paralinguística ou quinésica.

---

<sup>12</sup> Para Cestero (1999: 15), Cultura é “todo el «conocimiento» humano aprendido, dentro del cual están, indiscutiblemente, las costumbres ambientales y relativas al comportamiento y las creencias, por un lado, que constituyen la cultura (com minúscula) de una comunidad, y los sistemas de comunicación (verbal y no verbales) de dicha comunidad, por outro.”

<sup>13</sup> Definição no subcapítulo seguinte.

### **2.2.1. Paralinguagem**

Como referido anteriormente, a paralinguagem é um dos elementos que compõe o sistema de comunicação humana através de atividades comunicativas não verbais que fazem parte do comportamento verbal. Estes elementos variam de cultura para cultura como de grupo social para grupo social.

Para Poyatos (1994b: 28) a paralinguagem é constituída por:

qualidades no verbales de la voz y sus modificadores y las emisiones independientes cuasi léxicas, producidas o condicionadas en las zonas comprendidas en las cavidades supraglóticas (desde los labios y nariz hasta la faringe), la cavidad laríngea y las cavidades infraglóticas (pulmones y esófago) hasta los músculos abdominales, así como los silencios momentáneos, que utilizamos conscientemente o inconscientemente para apoyar o contradecir los signos no verbales, quinésicos, proxémicos, químicos, dérmicos y térmicos, simultáneamente o alternando con ellos, tanto en la interacción como en la no interacción.

Este sistema, para o autor, está estruturado em categorias:

- las cualidades primarias;
- los modificadores calificadores;
- los diferenciadores;
- los alternantes.

Mais tarde, Cestero (1996) reafirma o que Poyatos (1994b) disse anteriormente, chamando a atenção para a falta de sinais sonoros, como pausas e silêncios, que transportam uma carga de informação influenciadora da interação.

Dicho sistema está formando por las cualidades y modificadores fónicos, los indicadores sonoros de reacciones fisiológicas y emocionales. Los elementos cuasi-léxicos y las pausas y silencios que a partir de su significado o de alguno de sus componentes inferenciales comunican o matizan el sentido de los enunciados verbales. (Cestero, 1996: 32)

### 2.2.2. Quinésia

A quinésia diz respeito ao estudo de todos os movimentos corporais, onde se encontram também as expressões faciais. Este termo<sup>14</sup>, Poyatos (1994a: 139) define-o como

los movimientos y posiciones de base psicomuscular conscientes o inconscientes, aprendidos o somatogénicos, de percepción visual, audiovisual y táctil o cinestésica que, aislados o combinados con la estructura lingüística y paralingüística y con otros sistemas somáticos o objectuales, poseen valor comunicativo intencionado o no.

Ou seja, são movimentos ou posturas corporais que auxiliam a comunicação ou intensificam o significado de enunciados verbais. O sistema quinésico é composto por unidades básicas semelhantes ao sistema linguístico e suas combinatórias. A unidade mínima da quinésia é o quinema, um movimento simples como mover um braço ou um dedo, ou, então, um fechar de olhos. Esta unidade mínima tem a mesma função dos fonemas no sistema linguístico. As unidades mínimas combinam-se para formar unidades mínimas significativas, que, no sistema quinésico, se denominam quinemorfemas e no sistema linguístico equivalem aos morfemas.

Mais ainda, o sistema quinésico é composto por três categorias básicas, segundo Cestero (1996: 36): os gestos (movimentos faciais e corporais), as posturas (formas convencionais de realizar ações ou movimentos) e as maneiras (posições estáticas comunicativas que resultam ou não da realização de certos movimentos). As três categorias estão interligadas, porque, para descrever um gesto, é necessário ter em consideração a maneira e a postura como é executado.

Os gestos são movimentos psicomusculares com valor comunicativo<sup>15</sup>, por norma. Estes dividem-se em gestos faciais e gestos corporais. Os primeiros realizam-se principalmente com os olhos, sobrancelhas, glabella, sobrolho, testa, maçãs do rosto, nariz, lábios, boca e queixo. Os segundos são executados pela cabeça, ombros, braços,

---

<sup>14</sup> Em inglês *kinesics*.

<sup>15</sup> Todavia, existem gestos involuntários como os que ocorrem quando espirramos, tossimos ou bocejamos.

mãos, dedos, ancas, pernas e pés. Apesar de os gestos faciais poderem surgir sozinhos, os gestos corporais estão sempre acompanhados por gestos faciais, ainda que, muitas vezes, estes não sejam relevantes.

Por sua vez, as maneiras são formas de realizar movimentos, ter uma postura e realizar atos não verbais comunicativos. Referem-se, por um lado, às formas em que convencionalmente são realizados gestos e posturas e, por outro, aos hábitos culturais dos comportamentos. As maneiras subdividem-se em maneiras gestuais e posturais, por exemplo a maneira como nos saudamos ou despedimos, e em maneiras de realizar hábitos de comportamentos culturais como a maneira como comemos, como frequentamos um transporte público (de pé ou sentado) ou de caminhar na rua.

Por último, a postura diz respeito às posições estáticas que o corpo humano adota e que comunicam ativa ou passivamente. Mais, as posturas fazem parte dos gestos, pois o seu significado pode variar consoante a postura final que as partes do corpo adotam e por funcionarem como signos comunicativos independentes (estar sentado de pernas cruzadas, juntas ou abertas, estar com os braços cruzados no peito ou esticados ao longo do corpo ou estar com as mãos na nuca ou juntas em frente ao corpo, etc.).

### 2.2.2.1. Gestos

Como referido anteriormente, os gestos são os signos mais estudados na quinésica, provavelmente, por os gestos faciais e corporais serem aqueles que mais informação veiculam.

Segundo o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015: 1984) o gesto é:

**Gesto** 1 m.q. **GESTICULAÇÃO** ('ato') 2 movimento do corpo, esp. Das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica <g. *de dor*> <g. *obsceno*> 3 expressão singular (em alguém ou no seu semblante); aparência,

aspecto, fisionomia <nele, havia um g. de cansaço e abatimento> **4** maneira de se manifestar; atitude, ação <g. mesquinho> <g.de largueza> <ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição> GRAM VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram no seu lugar: *ato* ETIM lat. *gēstus, us* ‘movimento, atitude, gesto, ademane. Gesticulação, esgar, visagem, careta’; ver *gest-*. SIN/VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*. HOM gesto (fl. *gestar*).

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001: 1894), por sua vez, afirma que:

**Gesto** [ʒé|tu]. *S. m.* (Do lat. *gestus*. **1.** Movimento do corpo, especialmente dos braços, das mãos, da cabeça ou dos olhos, para reforçar a expressão de pensamentos ou sentimentos. «*Meu tio deteve-os com um elegante gesto de definitiva proibição*» (J. DE SENA, *Sinais de Fogo*, p. 97). «*Começo a estacionar quando reparo nos gestos de mais um jovem, qual sinaleiro, que procura ajudar-me a deixar o carro bem arrumado.*» (JN, 5.6.1996). + *de contentamento, de admiração; + de surpresa; + de resignação, de aborrecimento; + de autoridade.* **2.** Conjunto desses movimentos. ≈ GESTICULAÇÃO. **3.** Aspecto ou aparência de alguém; modo de se apresentar. **4.** Expressão fisionómica do rosto. ≈ SEMBLANTE. «*Ia a gritar, mas o olhar e gesto com que a fitou o Cancela cortou-lhe a fala na garganta.*» (J. DINIS, *Morgadinha*, p. 249). «*semelhante ao anjo rebelde, os toques belos e puros do seu gesto formoso e varonil transpareciam-lhe a custo através do véu de muda tristeza que lhe entenebrece a frente.*» (HERCULANO, Eurico, p. 9). **5.** Atitude de, acto ou procedimento que se tem para com alguém ou alguma coisa. *Gesto de generosidade. Gesto de boa vontade.* **6.** *Fam.* Movimento indecente ou obsceno feito com o braço ou com a mão. ≈ MANGUITO.

Por seu turno, o *Diccionario Real da Academia Española*<sup>16</sup> refere-se a gesto como:

### **Gesto**

1. m. Movimiento del rostro, de las manos o de otras partes del cuerpo, con que se expresan afectos o se transmiten mensajes *hizo un gesto de cautela. Puso gesto burlón.*
2. m. Movimiento exagerado del rostro por hábito o enfermedad.
3. m. Semblante, cara, rostro.
4. m. Acto o hecho que implica un significado o una intencionalidade. *Tuvo un gesto de generosidad con sus deudores.*
5. m. desus. Aspecto o apariencia que tienen algunas cosas inanimadas.

No que diz respeito a estudiosos desta área, nomeadamente Adam Kendon (2004: 13-14, apud McNeill 2013: 29), este afirma que os gestos são “(...) actions that have the features of manifest deliberate expressiveness (...)”.

Mais tarde, McNeill (2013: 29) baseado na afirmação de Kendon (2004), escreve que “A gesture is an unwitting, non-goal-directed action orchestrated by speaker-created significances, having features of manifest expressiveness.”

Por sua vez, Poyatos (1994b: 201) refere que os gestos são:

(...) los movimientos conscientes o inconscientes (realizados) principalmente con la cabeza, la cara o las extremidades, dependientes o independientes del lenguaje verbal-paralingüístico, alternando con él o simultáneamente y que constituyen una forma principal de comunicación.

Em resumo, através destas definições, podemos verificar que os gestos são uma ação corporal, movimentos realizados, normalmente, com os membros superiores, com as mãos ou com os braços. Estes acompanham, muitas vezes, a fala, revelando

---

<sup>16</sup> Em <http://dle.rae.es/?id=JARGBj1> acedido a 29/06/2017.

expressividade por parte do locutor, sendo esta considerada uma forma de comunicação não-verbal.

Contudo, quando nos debruçamos sobre a questão dos gestos, reparamos que muitos deles parecem ter um significado universal, como os gestos de agressão. No entanto, Argyle (1988: 191, apud Rodrigues, 2003: 65) considera que estes são símbolos naturais e não inatos.

McNeill (1992, apud Rodrigues, 2003: 74), por outro lado, diz que os gestos podem ser globais e sintéticos por representarem unidades de significado compactas, não-segmentadas e não-lineares e que um só gesto pode conter inúmeros significados.

Rodrigues (2003: 66) afirma que o estudo do gesto e da fala começou sobretudo a desenvolver-se a partir dos anos 60, quando se tentou compreender a relação simultânea entre gesto e fala e verificar como as formas gestuais são determinadas pelas condições de uso. Estes estudos permitiram distinguir vários tipos de gestos, como veremos posteriormente.

#### **2.2.2.1.1. Tipos de gestos e sua função:**

Segundo Goldin-Meadow (2003), os gestos auxiliam-nos a pensar e a compreender os outros falantes.

Os gestos subdividem-se em vários tipos, a cuja classificação está associada a respetiva função. Eles contribuem para a comunicação-verbal, assim como para esclarecer o conteúdo das palavras. Contribuem também para aumentar a coesão e organização do discurso, para reforçar as relações interpessoais e papéis sociais, pois intensificam, acrescentam ou modificam o significado, substituem o elemento lexical, expressam a atitude ou até mesmo o pensamento, do falante, entre outros.

Existem, portanto, segundo Ekman e Friesen (1969, apud Rodrigues, 2003: 68), cinco categorias<sup>17</sup>. Seguindo os critérios de classificação *uso*<sup>18</sup>, *origem*<sup>19</sup> e

---

<sup>17</sup> Esta tipologia parece-nos a mais clara e útil para este relatório.

<sup>18</sup> Ambiente onde ocorre o comportamento não verbal.

codificação<sup>20</sup>, os autores dividem os gestos em cinco categorias: *illustrators*, *affect display*, *regulators*, *adaptors* e *emblems*.

- *Illustrators/ Ilustradores* (gestos adquiridos durante o processo de socialização, sendo estes movimentos executados conscientemente, acompanhando e enfatizando conteúdo verbal, pois apresentam uma correlação com a comunicação verbal – repetem, substituem, contradizem, reforçam,...);

- *Affect display/ Manifestações de estados afetivos* (gestos que se formam durante o desenvolvimento do indivíduo, indicadores do estado de espírito, podendo ser produzidos por todas as partes do corpo, sendo os principais os movimentos faciais, como estados afetivos de felicidade, surpresa, medo, tristeza,...);

- *Regulators/ Reguladores* (atos não verbais que regulam, controlam e mantêm a interação face a face, sendo produzidos principalmente pela cabeça, movimento dos olhos e sobrancelhas e alterações de posturas, como o movimento vertical da cabeça que pode significar confirmação ou, então, um simples retroalimentador da interação);

- *Adaptors/ Adaptadores* (movimentos intencionais apreendidos como esforço de adaptação do corpo do indivíduo no mundo envolvente para satisfazer necessidades físicas, psicológicas, sociais..., sendo desenvolvidos ao longo do seu crescimento. Estes subdividem-se em: *Self-adaptors/ Gestos de auto-adaptação* (movimentos de manipulação do corpo, como arranjar o cabelo), *Alter-adaptors/ Gestos de alter-adaptação* (movimentos de ação intersocial como saudar alguém) e *Object adaptors/ Gestos de adaptação ao objeto* (movimentos de manipulação de um objeto, como o ato de fumar);

- *Emblems/ Emblemas* (gestos específicos de uma cultura, que repetem ou substituem um conteúdo verbal, executados de forma consciente e intencional, podendo ter uma codificação arbitrária e serem traduzidos por palavras, como por exemplo colocar o dedo indicador sobre a boca, que significa silêncio), sendo os últimos selecionados para este relatório.

---

<sup>19</sup> Modo como um comportamento não verbal integrou o repertório de um indivíduo.

<sup>20</sup> Relação entre o significado e o ato não verbal.

### 2.2.2.1.2. *Continuum de Kendon*

O *Continuum de Kendon*<sup>21</sup> é, de certa forma, importante para a classificação dos diversos tipos de gestos, pois, de acordo com o grau de convencionalidade e valor comunicativo dos gestos, Kendon (1988: 134, apud Rodrigues, 2003: 79) propõe uma escala, em ordem crescente de grau de convencionalidade, em que a presença da fala diminui, a presença das propriedades linguísticas dos gestos aumenta e os gestos idiossincráticos são substituídos pelos convencionais, como explicação para a “lexicalização dos gestos”:

*Gesticulation* > *Language-like gestures* > *Pantomime* > *Emblems* > *Signed languages*

A *Gesticulation/ Gesticulação* consiste na realização de movimentos espontâneos, idiossincráticos dos braços e das mãos, acompanhando, deste modo, a fala.

Os *Language-like gestures/ Gestos idênticos à fala* são semelhantes aos enunciados primeiramente, no que diz respeito à sua forma. Contudo, estão inseridos no enunciado, podendo mesmo completar ou ocupar um espaço vazio durante a fala, como por exemplo “A Joana foi [gesto de um objeto a ser atirado para a porta].”

As *Pantomimes/ Pantominas*, consistem no desenho de objetos e ações através das mãos, não sendo a fala obrigatória ou necessária para a sua compreensão.

Os *Emblems/ Emblemas*, por outro lado, seguem padrões de boa formação, uma propriedade inexistente na gesticulação e na pantomina. Quando não é possível comunicar oralmente devido a barreiras, como ruídos ou, até mesmo, distância, recorre-se a equivalentes gestuais, que nos possibilitam a compreensão, através da imitação do significado do objeto ou da ação, podendo ser icônicos ou arbitrários. Estes são adquiridos numa dada cultura e executados intencionalmente, detendo um caráter determinado que pode expressar-se através de palavras, podendo substituir a parte verbal, como um simples apontar para o relógio durante uma reunião para dizer que está a terminar o tempo.

---

<sup>21</sup> Em inglês, *Kendon's continuum*.

Por fim, as *Signed languages/ Línguas gestuais*<sup>22</sup> ou as linguagens de sinais correspondem a sistemas linguísticos com uma gramática complexa, estruturas, sintaxes e expressões/léxico próprios, variando consoante a comunidade. Estas são línguas verdadeiras, mas não verbais, sendo consideradas como tais nas Constituições LGP, em Portugal; LIBRAS, no Brasil; ASL, nos Estados Unidos da América; etc.

#### 2.2.2.1.2.1. Emblemas

Efron (1941, apud Payrató, 2014: 1474) definiu um emblema como: “either a visual or a logical object by means of a pictorial or non-pictorial form which has no morphological relationship to the thing represented”. Contudo, outros autores fizeram adaptações, que dizem respeito à definição de emblemas.

Os Es são, portanto, gestos com um significado específico que substituem ou repetem o conteúdo da comunicação verbal, bastante distintos dos gestos espontâneos. Mais ainda, estes podem ser traduzidos por palavras, afirma Rodrigues (2003: 68), e estão estreitamente relacionados com fraseologia, porque transportam um significado cultural, sendo apresentados, diversas vezes, por termos relativos ao corpo humano, como por exemplo, as UFs *ser/ estar detrás da orelha* ou *ter garganta*.

Estes são gestos específicos e característicos de uma cultura<sup>23</sup> e são adquiridos pela comunidade da mesma, muitas vezes para não se recorrer à fala. Os Es são usados inconscientemente ou intencionalmente pelo emissor.

Visto isto e, segundo Rodrigues (2003: 69), à luz de Ekman e Friesen (1969), é através do estudo dos Es que muitas diferenças culturais se tornam evidentes. Por

---

<sup>22</sup> Segundo a Comissão Europeia (2017), “As línguas gestuais são um elemento importante da diversidade linguística da Europa. Baseadas nos gestos, são tão ricas como as línguas faladas quanto à sua gramática, estrutura, sintaxe e léxico. Regra geral, cada língua falada na União Europeia tem uma língua gestual correspondente.” em [https://ec.europa.eu/education/policy/multilingualism/sign-languages\\_pt](https://ec.europa.eu/education/policy/multilingualism/sign-languages_pt) acedido a 14/07/2017.

<sup>23</sup> Encontram-se codificados segundo os parâmetros da cultura de uma determinada comunidade e o interlocutor pode não ter conhecimento do seu significado. Se ambos, locutor e interlocutor, conhecem a língua, o significado é descodificado, caso contrário haverá um problema de comunicação, pois o interlocutor pode não conhecer o gesto ou, então, mesmo que o conheça pode ter outro significado noutra língua previamente adquirida.

exemplo, “o suicídio” é expresso gestualmente de diversas formas, consoante a cultura em questão.

Para Payrató (2014: 1474), os Es são autónomos da fala, transportam objetivos comunicativos, assim como força ilocutória, revelam núcleo semântico e características de natureza social. Em termos sintáticos, funcionam como atos de fala e são acumuláveis, ou seja, podem ser executados sequencialmente.

Os Es apresentam diversas funções como a rapidez de transmissão de uma mensagem, o apoio na sequência argumentativa e na organização discursiva, o aumento da expressividade do locutor. No entanto, estes apresentam uma “motivação” como base, podendo-se esta subdividir em três tipos: objeto, abstração ou idiomatismo.

Como vimos, os gestos possuem um papel de extrema importância na interação e na comunicação humana. Mais, os Es, concretamente, merecem uma especial atenção, pois podem funcionar autonomamente e/ou paralelamente à linguagem verbal. Em situações em que não há conteúdo verbal, estes podem ser os únicos a transmitir informações numa interação face a face, como o gesto de mover a palma da mão da direita para a esquerda repetidamente para um colega de trabalho, afirmando que um indivíduo *está cego/ tapado*, ou seja, não vê o que está à sua frente.

O estudo dos gestos é muito recente, por isso, no futuro, o seu desenvolvimento pode influenciar a metodologia do ensino de línguas estrangeiras, facilitando-o e, claramente, facilitando também a sua aprendizagem pelos seus aprendentes. Neste relatório, a nossa atenção debruça-se sobre a parte linguística e comunicativa, onde é visível a interação entre as UFs e os Es no contexto de ensino de PLE, em que, também, é possível verificar uma análise comparativa com a LM do aprendente (neste caso, o espanhol).

Visto isto, no seguinte capítulo, pretendemos demonstrar como as propostas teóricas descritas anteriormente foram aplicadas em termos didáticos e como os alunos foram adquirindo estes conteúdos em contexto de PLE.

## **Capítulo 2. – Metodologia usada em duas unidades didáticas de PLE**

## **1. Didática das unidades fraseológicas associada a emblemas**

No ensino de PLE, é necessário ter em conta que o aprendiz se encontra num contexto sociocultural e linguístico e num ambiente linguístico completamente distinto do seu, caso este não esteja a aprender PLE no seu país de origem.

No contexto de ensino em que os alunos estão a frequentar o ensino superior e como já adquiriram uma LM previamente em criança, detendo já uma “visão do mundo” referente à cultura da sua língua, ou seja, já desenvolveram um sistema linguístico e social próprio, o aluno confronta-se com uma variedade de situações orais e escritas, em que é obrigado a distanciar-se da sua LM e a pôr em prática os conhecimentos da língua e da cultura que está a adquirir.

Deste modo, o aluno de PLE, como de qualquer LE, conhece da sua LM muitas UFs e os Es associados. Este sabe utilizá-los de forma recorrente e mediante o contexto em questão nos mais variados tipos de discurso, sendo o seu uso uma mais-valia no desenvolvimento da competência lexical e comunicativa, mas também uma linha que os leva à consciência cultural. Por isso, na aquisição de uma LE, neste caso específico de PLE, a descodificação das UFs e dos Es é de grande complexidade para os alunos, visto ser uma realidade diferente para eles, o que dificulta a compreensão de estruturas e signos quando estes divergem entre si. (Cf. Polónia, 2009: 38)

Mais ainda, como defende a autora referida no parágrafo anterior, o problema destes estudantes deriva da competência referencial que aprendem desde muito cedo na sua LM, na formação como indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade, e não da LE que estão a adquirir, criando, desta forma, uma barreira referencial, tanto linguística como cultural, em relação à língua que estão a aprender.

Assim, é tarefa do professor LE, através do lançamento de recursos e estratégias de aprendizagem, pôr o aluno a par das UFs e dos Es, que, por vezes, lhes estão associados, e facilitar o seu conhecimento e a sua descodificação para que, assim, seja bem sucedido o ato comunicativo.

## **2. Apresentação metodológica das duas unidades didáticas**

É importante referir que o meu Estágio Pedagógico se realizou no estrangeiro, no âmbito do programa de estágios Erasmus+, na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Extremadura, em Cáceres, Espanha.

Neste contexto, não me foi possível realizar um projeto de investigação-ação, com todos os requisitos metodológicos que implica, visto encontrar-me num contexto específico, em que as turmas e os espaços onde lecionava as unidades didáticas iam variando, consoante as necessidades locais.

Apesar das seis unidades didática lecionadas, compostas cada uma por um bloco de duas horas, só vamos ter em conta, para este relatório de estágio, duas das unidades didáticas lecionadas, com conteúdos referentes ao tema abordado (UFs e Es).

Nesta secção do nosso trabalho, pretende-se descrever a metodologia utilizada nas duas unidades didáticas desenvolvidas em torno da questão da fraseologia e dos gestos. Começo por fazer a descrição da turma, com a qual trabalhei, passando à descrição dos objetivos metodológicos e à descrição das aulas.

### **2.1. Descrição da turma**

Parece-nos pertinente, para facilitar o entendimento da componente prática deste estudo, fazer uma descrição da turma com a qual trabalhei, de modo a que seja possível uma melhor compreensão dos meus objetivos, do meu método de trabalho, mas, também das conclusões que obtive.

A turma em questão era uma turma da disciplina de Lengua Portuguesa VII do Grado en Lenguas y Literaturas Modernas – Portugués da Univerdad de Extremadura ou de nível de proficiência C1, que segundo o QECRL (2001: 49) é:

capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma

fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.

Outro dado também relevante: esta turma era composta por quatro estudantes, com idades entre os dezanove e os vinte e dois anos, de nacionalidade espanhola, podendo, assim, ser considerada uma turma homogénea linguisticamente.

É importante referir que a homogeneidade desta turma me permitiu fazer uma análise contrastiva entre o português e o espanhol no que diz respeito as UFs e aos Es, algo que não seria possível se a turma fosse heterogénea. No entanto, apesar da descrição das competências que um aluno de nível C1 deve ter, ser bastante específica, alguns dos alunos não revelavam essas competências comunicativas em língua<sup>24</sup>.

## **2.2. Metodologia aplicada**

Nas duas unidades didáticas onde foram lecionadas UFs e Es, com duração de duas horas formando um total de quatro horas, eu tinha como objetivo verificar se o aluno era capaz de reconhecer e adquirir UFs e Es e quais seriam os métodos mais adequados para a sua aprendizagem e o desenvolvimento dessas competências.

Visto isto, no primeiro bloco de duas horas, foram propostos exercícios para que os alunos de PLE atinjam os seguintes objetivos específicos:

1. Reconhecer UFs;
2. Utilizar e entender UFs em contexto situacional relacionadas com a língua;
3. Identificar UFs portuguesas relacionadas com o corpo humano/ estados psicológicos e físicos e seu respetivo significado e suas variantes;

---

<sup>24</sup> “ A competência comunicativa em língua compreende diferentes componentes: linguística, sociolinguística e pragmática. Cada uma destas componentes é postulada de forma a compreender o conhecimento declarativo, as capacidades e a competência de realização.” (QECL, 2001: 34)

4. Traduzir e/ ou encontrar equivalentes fraseológicos na língua espanhola;
5. Adquirir conhecimentos relativos à cultura portuguesa;
6. Refletir sobre a língua de maneira consciente/ reflexão comunicativo-gramatical.

Por sua vez, para a segunda unidade didática de duas horas foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Reconhecer UFs associados a Es;
2. Utilizar e entender UFs, assim como os Es associados, em contexto situacional relacionadas com a língua;
3. Identificar, compreender UFs e Es relacionados com o corpo humano/ estados psicológicos e físicos, bem como seu respetivo significado e suas variantes;
4. Comparar, traduzir e/ ou encontrar equivalentes fraseológicos e Es associados, na língua espanhola;
5. Adquirir conhecimentos relativos à cultura portuguesa;
6. Refletir sobre a língua de maneira consciente/ reflexão comunicativo-gramatical.

Para que estas unidades didáticas fossem bem sucedidas e os objetivos cumpridos, foram desenvolvidos alguns exercícios que serão descritos no seguinte ponto.

### **2.2.1. Primeira unidade didática**

As duas unidades didáticas encontram-se divididas cada uma em quatro momentos, sendo a primeira unidade denominada “Fraseologia” (Anexo 1) e a segunda, referente à segunda unidade didática, “Fraseologia e Gestos” (Anexo 2), para que o aluno pudesse compreender de forma mais simplificada os conteúdos a serem desenvolvidos e apreendidos. Ambas as unidades didáticas se centram em atividades que permitam aos alunos adquirirem conhecimentos culturais sobre a língua portuguesa, focando-se primordialmente na competência da compreensão oral e escrita, compreensão de leitura e expressão oral e escrita. Mais ainda, aqui, o aluno deve ser capaz de adquirir competências comunicativas, mas acima de tudo desenvolver uma consciência intercultural, visto este tema ser direcionado para o contexto real da língua

em uso. Porém, o aluno deve, também, ser capaz de estabelecer uma ponte com a sua LM.

Como já foi referido anteriormente, a competência comunicativa é a que se pretende desenvolver primordialmente. Contudo, esta abrange um grande leque de outras competências, por isso, é necessário, neste caso, focar a nossa atenção na competência sociolinguística, principal competência desenvolvida nestas unidades didáticas. Esta, segundo o QECRL (2001: 169-171), diz respeito à capacidade e ao conhecimento que o aprendente detém para lidar com a língua num contexto social. Aqui, os temas tratados dizem respeito aos *marcadores linguísticos de relações sociais*, às *regras de delicadeza*, às *expressões de sabedoria popular*, às *diferenças de registo*, aos *dialeto*s e aos *sotaques*. Adicionalmente, o assunto referente à competência sociolinguística é o das expressões de sabedoria popular, encontrando-se relacionada com fraseologia e gestos, pois inclui provérbios, expressões idiomáticas, expressões familiares, expressões de crenças, atitudes e valores.

### **Primeiro momento**

A primeira unidade didática (Anexo 1), como referido, com duração de duas horas, foi lecionada a 14 de novembro de 2016, sendo a turma homogénea, de nível C1 (4ºano – Lengua Portuguesa VII) do Grado en Lenguas y Literaturas Modernas – Portugués), composta por quatro estudantes, com idades entre os dezanove e os vinte e dois anos, de nacionalidade espanhola, tendo sido criadas atividades que incidissem em atividades numa perspetiva contrastiva, com a cultura e língua espanhola.

Esta unidade didática não foi lecionada e planificada segundo a sequência de uma aula anteriormente lecionada pelo Professor que regia esta unidade curricular, mas sim desenvolvida para que o aluno se consciencializasse sobre a questão da fraseologia.

Iniciei a aula mencionando o assunto que iria ser abordado e distribuindo o guião que iria ser utilizado durante a mesma. Solicitei aos alunos que lessem silenciosamente o quadro que se encontrava logo no início do guião sobre o contexto, competências, destrezas, objetivos comunicativos e gramaticais, conteúdos culturais, nível de proficiência, tempo aproximado da atividade, metodologia de trabalho e informação

sobre o material utilizado e consultado, para que se familiarizassem com o conteúdo da unidade didática.

Depois de lerem o quadro, questionei a turma, de forma geral e em voz alta, sobre o que pensavam ser as UFs (Anexo 1, 1ª fase do guião), quais seriam as suas características e pedi-lhes que, em pares, refletissem, comentassem e escrevessem as suas opiniões e ideias, para tentar compreender e verificar se os estudantes tinham consciência deste assunto e da sua complexidade, pois apesar de as UFs serem inseridas indiretamente desde cedo nos vários níveis de proficiência do QECRL e em diversos outros conteúdos programáticos, muitos alunos não reconhecem as suas especificidades.

Posto isto, questionei individualmente cada aluno, pedindo-lhes informações e solicitando aos restantes colegas que acrescentassem e comentassem o que cada um ia dizendo, de forma a incentivar a discussão na turma. Nenhum dos alunos revelou dificuldades em explicar o que são as UFs, nem em entender a sua representatividade num povo ou numa comunidade, mas sempre que foi necessário, fui acrescentando informação, fomentando-a e explanando-a. Contudo, no final do exercício, foram destacadas algumas características intrínsecas e que permitem identificar as UFs, segundo (CORPAS PASTOR, 1996: 16):

- representam a “imagem” de uma cultura, da identidade de um povo e do seu imaginário (pensamentos, sentimentos, lugares, e experiências);
- revelam criatividade por parte de um determinado indivíduo, grupo, comunidade, povo ou língua;
- demonstram interação entre o Homem e a língua, o Homem e o mundo e a língua com o mundo;
- permitem ao Homem comunicar e interpretar o mundo que nos rodeia;
- são construções estáveis e fixas, institucionalizadas, que são reproduzidas constantemente pelos falantes de uma língua e com a possibilidade de variação nos seus elementos integrantes;
- apresentam um sentido conotativo.

Estas características foram mencionadas oralmente e explicadas quando necessário para que o aluno, mais tarde, pudesse identificar outras UFs em diferentes contextos, reutilizando as aprendizagens feitas.

### **Segundo momento**

De seguida, passei para o segundo momento da aula (Anexo 1, 2ª fase do guião), reproduzindo uma canção de Luís Gavião denominada “Rimas e Provérbios”, a partir da qual o aluno, individualmente, deveria tentar explicar as cinco UFs que se encontravam destacadas a negrito: *Cada cabeça sua sentença*, *Casa de ferreiro espeto de pau*, *Metemos a carroça à frente dos bois*, *Quem corre por gosto não cansa*, *Quem comeu a carne que roa os ossos*. Acresce que as cinco UFs destacadas foram seleccionadas por terem um ponto em comum: estarem relacionadas com estados psicológicos, comportamentos e atitudes das pessoas.

A canção foi escutada apenas uma vez, mas antes de ser iniciado o trabalho, foram fornecidas informações sobre o cantor e compositor e o seu estilo, de modo a enquadrar o aluno no contexto e para este tivesse consciência de que a canção tratava de problemas sociais de um bairro em Alcobaça. Posto isto, perguntei aos alunos se tinham compreendido todas as palavras que se encontravam na canção e pedi-lhes que iniciassem o exercício, estipulando 10 minutos para a realização do mesmo. Passado os 10 minutos, dirigi perguntas aos alunos, individualmente, e pedi-lhes que me dissessem o que pensavam ser o significado de cada UFs. Inesperadamente, cerca de 50% da turma conseguiu interpretar o sentido de pelo menos quatro das cinco UFs destacadas, possivelmente, porque conseguiram estabelecer uma ponte com a sua LM. Por este motivo, pedi a esses alunos que tentassem explicar, portanto, o seu significado aos restantes elementos da turma e que encontrassem uma situação/ contexto, em que poderiam utilizar as UFs, de forma a compreenderem, na totalidade, o sentido das mesmas, a sua relativa estabilidade e fixação e, de forma a que, mais tarde, as pudessem utilizar. Porém, durante a explanação do significado de cada UFs, fui acrescentando informações e explicações mais detalhadas sobre o seu significado, para que a sua apreensão fosse mais fácil. No final desta fase, pedi aos alunos que encontrassem e que enumerassem UFs na sua LM (espanhol) com um sentido equivalente aos que tinham

sido mencionados anteriormente, atividade que se revelou bastante simples, visto já terem compreendido o seu significado.

### **Terceiro momento**

O terceiro momento foi planeado de forma a que os alunos apreendessem também UFs relacionadas com o corpo humano. Para isso, foram desenvolvidos dois exercícios (Anexo 1, 3ª fase e 4ª fase), em que os alunos tinham de relacionar UFs com o seu significado parafraseado e, através da visualização de *cartoons*, deduzissem, também, o significado.

Os dois exercícios foram executados individualmente e corrigidos oralmente, mas em conjunto com o resto da turma, comparando sempre as suas respostas. Durante a realização das tarefas, os alunos revelaram-se bastante interessados e dinâmicos, colocando questões pertinentes relativas às UFs que se encontravam nos exercícios. Era minha intenção, através destes exercícios, demonstrar que as UFs apresentam, também, uma variação no que diz respeito ao contexto, pois estas surgem em qualquer situação social.

Para consolidar estes exercícios, mais uma vez, foi criado um momento de desenvolvimento da interculturalidade (Anexo 1, 5ª fase), em que os alunos deveriam tentar encontrar UFs equivalentes na sua LM (espanhol) às ilustradas anteriormente. Para isso, os alunos dividiram-se em grupo e quando finalizassem o exercício deveriam expor as suas ideias em voz alta perante toda a turma de forma a criar uma interação aluno-aluno. Este exercício foi desenvolvido para que os alunos se consciencializassem de que a “imagem” de uma determinada cultura não é, obrigatoriamente, igual à de outra cultura. No que se refere a esta questão, foram visíveis certas dificuldades no que diz respeito à tradução ou aos equivalentes fraseológicos, porque, por vezes, a tradução literal de UFs portuguesas não é possível ou então os seus equivalentes apresentam elementos distintos como *Ser boa como o milho* e *Ser un bombón* ou então *Estar com/ Ter a pulga atrás da orelha* e *Estar con/ Tener la mosca detrás de la oreja*.

### **Quarto momento**

Para consolidar todo o conteúdo lecionado nesta unidade didática, foi proposta, no último exercício (Anexo 1, 6ª fase), a criação de um diálogo, recorrendo a duas UFs previamente explanadas. Este trabalho deveria ser realizado em 10 minutos e individualmente, de modo a verificar se os alunos tinham compreendido o seu significado metafórico. A correção foi realizada em equipa, em que os próprios alunos corrigiam os seus colegas de turma, proposta de correção que me permitiu verificar se os restantes elementos também tinham apreendido o seu significado.

Esta unidade didática e os exercícios que a compunham seguiam o formato das aulas lecionadas pela regente desta turma, para que os estudantes não se deparassem com propostas metodológicas distintas e estranhas para eles, procurando eu sempre criar exercícios metodologicamente distintos, mas ao mesmo tempo com pontos em comum, buscando, assim, conseguir o máximo de eficácia do ensino e da aprendizagem.

### **2.2.2. Segunda unidade didática**

#### **Primeiro momento**

Por sua vez, a segunda unidade didática (Anexo 2) realizou-se no dia 28 de novembro de 2016, com duração de duas horas, lecionada aos mesmos estudantes da unidade didática anterior (nível C1 - 4º ano – Lengua Portuguesa VII do Grado en Lenguas y Literaturas Modernas – Portugués). Esta unidade foi criada na sequência da aula anteriormente lecionada, de modo que o aluno desenvolvesse uma consciência intercultural<sup>25</sup>, tanto no campo da fraseologia como no campo dos gestos. As atividades propostas nesta aula pretendiam que o aluno refletisse sobre a cultura e a língua portuguesas, assim como sobre a cultura e a língua espanholas. Assim, este guião

---

<sup>25</sup> Podemos ler no Quadro o seguinte: “O conhecimento, a consciência e a compreensão da relação (semelhanças e diferenças distintivas), entre “o mundo de onde se vem” e “o mundo da comunidade-alvo” produzem uma tomada de consciência intercultural. (...) É enriquecida, também, pela consciência de que existe uma grande variedade de culturas para além das que são veiculadas pelas L1 e L2 do aprendente. Esta consciência alargada ajuda a colocar ambas as culturas em contexto.” (QECRL, 2001: 150)

desenvolveu-se em redor da fraseologia associada a Es tanto na língua portuguesa (língua-alvo) como na língua espanhola (LM).

A aula foi iniciada informando eu os alunos sobre o assunto a ser tratado, distribuindo o guião da sessão e pedindo-lhes que lessem, mais uma vez, o quadro que se encontrava logo no início do guião. Depois de o lerem, solicitei aos alunos que respondessem a um inquérito (Anexo 3) através da visualização de um vídeo sobre unidades fraseológicas e gestos portugueses. Aqui, o aluno devia deduzir o significado do gesto português, assim como a unidade fraseológica a ele associada (Anexo 2, 1ª fase). Depois de terminarem de responder ao inquérito, pedi a cada aluno que lesse as suas respostas em voz alta de forma a compará-las com os restantes colegas. Esta atividade foi de extrema complexidade, pois a consciência sobre fraseologia e gestos era bastante diminuta, visto não ser um tema, normalmente, desenvolvido na aprendizagem de uma LE. Grande parte do inquérito ficou, de início, incompleto por todos os alunos, mas, no final, quando foram dadas as respostas, verificaram que faziam sentido certas UFs anexadas a Es.

### **Segundo momento**

Posto isto, foi iniciada a segunda parte da aula (Anexo 2, 2ª fase do guião), tendo eu pedido aos alunos que criassem um texto com as UFs que apresentam gestos associados – *Ser de trás da orelha* e *nariz empinado*, alertando-os para que deviam desenvolver um contexto, de modo a compreender-se o seu valor fraseológico e a sua intenção comunicativa. Durante o processo de criação por parte do aluno, escrevi no quadro as UFs *Ser da pontinha fina* e *Ser da ponta fina*. Depois de corrigir o exercício com os alunos, acrescentei informação histórica e mencionei UFs equivalentes e algumas das suas variantes (UFs escritas no quadro durante a execução do exercício), para que eles ficassem com um leque mais alargado de conhecimentos e da coocorrência dos verbos “ser”, “estar” e “ter”.

Continuando na mesma linha de raciocínio didático, através da visualização de uma imagem (Anexo 2, 3ª fase), pedi aos alunos que, individualmente, explicassem o significado da mesma e o porquê daquele gesto ser referente a uma UF. Tal como no

exercício anterior, escrevi no quadro UFs *botar o olho grande* (em algo), *não poder ver uma camisa lavada* (em alguém), *ser como o frade nabiça* (Açores). Estas UFs foram previamente escritas no quadro para que o aluno verificasse que existem UFs equivalentes que ocorrem em diversas regiões de Portugal e que, enquanto algumas já se encontram em desuso, outras são mais recorrentes. Durante a correção, os alunos não revelaram grande dificuldade na compreensão do porquê de estes gestos estar associado a esta unidade fraseológica, porque um dos alunos logo no início do exercício referiu que, quando uma pessoa bate com o cotovelo, tem uma dor forte e, por isso, provavelmente, a expressão refere-se a algo negativo. Este comentário foi extremamente pertinente, contudo, privou os restantes alunos de desenvolverem esse raciocínio. No final do mesmo, fiz uma breve nota mencionando o seu significado (demonstrar superioridade, ser competitivo), unidades fraseológicas equivalentes, e respetivo contexto histórico, visto todos terem dito que, possivelmente, estava relacionado com ciúmes. Mais ainda, fiz uma pequena referência a um “falso amigo” que ocorre na língua espanhola – *echarle codos* – que apresenta uma referência aos cotovelos e que na realidade não apresenta o mesmo significado que a UF portuguesa – *Dor de cotovelo*, mas sim “Ter de estudar” (Anexo 2, 3ª fase).

### **Terceiro momento**

De seguida, propus aos alunos uma atividade de interculturalidade, através da visualização de fotografias que estão presentes no Anexo 2, 4ª fase, em que estes deviam identificar o E e a UF, tanto em português como na sua LM (espanhol). Durante a realização da atividade, circulei pela sala oferecendo ajuda, caso os alunos não compreendessem os gestos que se encontravam nas fotografias. No que toca aos gestos espanhóis, não revelaram dificuldades em assimilar o seu significado, ao contrário dos gestos portugueses. A maioria dos Es já tinha surgido no inquérito ou nos exercícios anteriores, mas, mesmo assim, os alunos revelaram dificuldades de compreensão. Esta atividade cativou a atenção dos alunos e o interesse em saber mais sobre este tema, visto que muitos equacionam a possibilidade de prosseguirem um estudo na área da tradução. Posto isto, iniciei a correção do exercício em conjunto com a turma, solicitando UFs e Es alternativos aos que surgiam nas fotografias. No fim da correção, fiz circular pelos

alunos o livro *Expressões idiomáticas ilustradas*, de Sofia Rente, da editora LIDEL, de forma a que o aluno pudesse ver mais unidades fraseológicas, mas também mais algumas variantes das que foram mencionadas em aula.

Para consolidar estes conhecimentos, na penúltima atividade (Anexo 2, 5ª fase), requeri aos alunos que selecionassem um dos pares de fotografias do exercício anterior e que descrevessem ambos os Es em contexto de tradução. Neste ponto, pretendia-se que o aluno já se tivesse consciencializado da diferenciação cultural e que fosse capaz de criar soluções e descodificar o melhor método em contexto de tradução, para facilitar a compreensão do leitor. Aqui, o aluno deveria optar por duas soluções: a descrição do E português associado à UF portuguesa, tendo em conta que o E e a UF espanhola deveriam surgir em nota de rodapé ou, então, a descrição do E espanhol com a UF espanhola, tendo em consideração na nota de rodapé a UF e o E português. Após a resolução do exercício, perguntei a cada aluno o par de fotografias que elegeu, o que respondeu e o que pensava ser o método mais adequado em contexto de tradução. Todos sem exceção afirmaram que o mais adequado seria a descrição do E português com a UF portuguesa, tendo em conta uma nota de rodapé a UF e o E espanhol, por este método facilitar a integração do leitor, neste caso, na cultura portuguesa.

Já no final desta atividade, mostrei a tradução do livro *A ilustre casa de Ramires*, da editora *Cátedra*, em espanhol, de Eça de Queirós, onde é possível ver como foi feita a tradução da unidade fraseológica e a descrição do emblema *ser/ estar de trás da orelha*<sup>26</sup> (Anexo 4).

#### **Quarto momento**

No final desta unidade didática, na sétima fase, mostrei um vídeo sobre UFs e Es portugueses, no qual também ocorriam Es da cultura brasileira. Este vídeo foi uma forma de criar um debate entre os elementos da turma, visto que foi aplicado a pessoas de diferentes culturas (ingleses, franceses, italianos,...) e que encerra uma imagem

---

<sup>26</sup> Neste caso específico, o tradutor não colocou nenhuma “nota de tradutor” por indicação da editora, pois o número de “notas de tradutor” deveria ser reduzido, ajustado aos casos mais críticos. A tradução da UF aparece traduzida como “de categoria” – “...un vinito blanco de categoria!...” e a explicação do E aparece a seguir “Juntó los dedos y los besó, aconsejando ruidosamente...”. A informação foi dada diretamente pela tradutora da obra.

diferente do mundo. Esta atividade revelou de certa forma aos alunos a dificuldade que há em compreender o Outro e o cuidado que se deve ter quando comunicamos com pessoas de diferentes culturas e com diferentes valores, visto podermos ser mal interpretados e a mensagem não ser totalmente descodificada.

## Conclusão

Constituiu objetivo principal deste relatório refletir sobre UFs e Es do português em contexto prático, designadamente dar a conhecer aos aprendentes de PLE, UFs e Es com o sentido de estabelecer uma correlação com a LM dos estudantes, o espanhol.

De forma a que esta reflexão e aplicação prática fossem sustentadas, procurou-se, no capítulo 1, de uma forma simples e baseada em diversas consultas de publicações, caracterizar as UFs e estudar a sua classificação, apresentar os elementos que constituem a comunicação não verbal e, por último, mostrar o que são os Es.

O capítulo 2 define a metodologia utilizada, no âmbito do estágio pedagógico realizado na Facultad de Filología y Letras da Universidad de Extremadura, em duas das unidades didáticas lecionadas, cujos conteúdos se encontram diretamente relacionados com o tema deste relatório, as UFs e os Es. É importante mencionar, que a Professora que me acompanhou ao longo do meu estágio pedagógico, a Professora Doutora Ana Belén García Benito, está envolvida em projetos de investigação na área da fraseologia. Para iniciar o capítulo 2, fez-se uma apresentação sumária da “turma”, à qual foram ministradas estas duas unidades didáticas e identificou-se a metodologia aplicada para que os “alunos” fossem capazes de reconhecer e adquirir UFs e Es, que constituiriam um papel principal na sua aprendizagem.

Como resultado final deste trabalho de investigação, quer teórico (baseado nos conhecimentos obtidos durante a minha formação académica e em diversas publicações que versam sobre esta temática), quer prático (aprendido no estágio pedagógico realizado em Espanha), pretendeu-se apresentar ferramentas facilitadoras para um melhor entendimento da língua portuguesa, no caso em concreto por alunos espanhóis, relacionando a componente mais complexa e motivadora de mal entendidos – as UFs – com uma componente mais corrente e entendível por todos – os Es. Entenda-se que a fraseologia foi e é objeto de estudo de diversos investigadores por ser um tema bastante complexo e por gerar mal entendidos e conflitos no ensino de línguas.

Por outro lado, existem poucos estudiosos que se debruçam sobre a questão dos gestos e, por esse motivo, a tese de doutoramento da Professora Doutora Isabel Maria Galhano Rodrigues de 2003 foi seguida de perto, assim como outros trabalhos de investigação.

Porém, a meu ver, penso que relacionar a fraseologia (UFs) com gestos (Es) é um contributo original e interessante tanto para a investigação como para o ensino de uma língua estrangeira.

Em conclusão, e apesar de se reconhecer que este é um trabalho sempre em evolução, considerando o desenvolvimento dos métodos de ensino e a proatividade dos seus intervenientes, considera-se que o presente relatório poderá servir de orientação e ajuda para numerosos professores que se lancem na “aventura” do ensino, neste caso da “nossa” língua portuguesa, mas também num contexto de tradução.

## Referências bibliográficas

Casares, J. (1969). *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Revista de Filología española.

Cestero, A. M. (1999b). *Comunicación no verbal y enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Arco Libros.

Conselho da Europa. (Dezembro 2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições Asa.

Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.

Dasilva Fernández, X. M. (2005). *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa I*. Pontevedra, Vigo: Universidade de Vigo.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (Vol. I). (2001). Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

*Educação e Formação - Apoiar a educação e a formação dentro e fora da Europa*. (s.d.). Obtido em 14 de julho de 2017, de European Commission: [https://ec.europa.eu/education/policy/multilingualism/sign-languages\\_pt](https://ec.europa.eu/education/policy/multilingualism/sign-languages_pt)

Figueiredo, E. B., & Figueiredo, O. M. (2010). "Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural". *Limite, n° 4*, pp. 155-166.

Figueiredo, O. M. (2010). "A língua como acto e como atitude. Da competência comunicativa às convenções culturais". *Limite, n° 4*, pp. 167-180.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Vol. III). (2015). Rio de Janeiro: Círculo de Leitores.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Vol. IV). (2015). Rio de Janeiro: Circulo de Leitores.

Goldin-Meadow, S. (2003). "Hearing Gesture: How hands help us think". Harvard University Press.

Kendon, A. (2013). "Exploring the utterance roles of visible bodily action: a personal account". Vol. 1, Cap. 1, pp. 7-28. **In:** Müller, C., at ali. (2013). *Body-language-communication. Na international handbook on multimodality in human interaction* (handbooks of linguistics and communication science 38.2.). Berlim/Boston: De Gruyter Mouton.

McNeill, D. (2014). " Psycholinguistics Section, The Encyclopedia of Language and Linguistic Gesture: a psycholinguistic approach1". University of Chicago.

McNeill, D. (2013). "Gestures as a window onto mind and brain, and the relationship to linguistic relativity and ontogenesis". Vol. 1, Cap. 1, pp. 28-54. **In:** Müller, C., at ali. (2013). *Body-language-communication. Na international handbook on multimodality in human interaction* (handbooks of linguistics and communication science 38.1.). Berlim/Boston: De Gruyter Mouton.

Nascimento Dominique, N. (2008). *Emblemas gestuales brasileños y españoles: estudio comparativo*. Obtido em 3 de Agosto de 2017, de Ministerio de Educación, Cultura y Deporte: [www.mecd.gob.es/educacion/mc/redele/biblioteca-virtual/numerosanteriores/2008/memoriamaister/2-semester/nascimento-d.html](http://www.mecd.gob.es/educacion/mc/redele/biblioteca-virtual/numerosanteriores/2008/memoriamaister/2-semester/nascimento-d.html)

Neves, O. (1999). *Dicionário de expressões correntes*. Lisboa. Coleção Dicionários, Editorial Notícias.

Payrató, L. (2014). "Emblems or quotable gestures: structures, categories, and functions". Vol. 2, Cap. 110, pp. 1474-1481. **In:** Müller, C., et alli. (2014). *Body-language-communication. Na international handbook on multimodality in human*

*interaction* (handbooks of linguistics and communication science 38.2.). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

Polónia, C. (2009). *As Expressões idiomáticas em português língua estrangeira – uma experiência metodológica*. Porto: Dissertação de Mestrado em Ensino de Português Língua Segunda/ Estrangeira, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Poyatos, F. (1994a). *La comunicación no verbal. I. Cultura, lenguaje y conversación* (Vol. I). Madrid: ISTMO.

Poyatos, F. (1994b). *La comunicación no verbal. Paralenguaje, kinésica e interacción II* (Vol. II). Madrid: ISTMO.

Queirós, E. d. (2004). *A ilustre casa de Ramirez*. (A. B. Benito, Trad.) Madrid: Ediciones Cátedra.

Rente, S. (2013). *Expressões Idiomáticas Ilustradas*. LIDEL.

Rodrigues, I. (2003). *Fala e movimentos do corpo na interação face a face : estratégias de reparação e de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez*. Vol. 1-2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rodrigues, I. M. (2003). *Fala e movimentos do corpo na interação face a face: estratégias de reparação e de (des)focalização e cofunções conversacionais na manutenção de vez*. Porto.

Rodrigues, I., Cordas, J., & Mouta, M. (2003). Porque é que a cabeça deita fumo?: metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão. *Livro de Atas de Conferência Nacional - Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*, (pp. 147-184). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, E. A. (2014). *As unidades fraseológicas: uma abordagem didática*. Porto: Dissertação de Mestrado em Ensino do Português e Língua Estrangeira no 3º ciclo de Ensino Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tavares, A. (2008). *Ensino / Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira-Manuais de Iniciação*. LIDEL.

Timofeeva, L. (2002). ¿La fraseología gestual o la gestualidad fraseológica? *Interlingüística*, N°13, 3, 403-412.

Vaz Orta, V. (2013). *La comunicación no verbal en la Península Ibérica: Análisis Contrastivo entre España y Portugal*. CIESE Comillas - Universidad de Cantabria.

Vilela, M. (2002). As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (pp. 159-189). Porto: Universidade do Porto, Centro de Linguística.

Zuluaga, A. (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Verlag Peter D. Lang.

## **Anexos**

## Anexo 1

### FRASEOLOGIA

**Contexto situacional:** âmbito quotidiano

**Competências:** competências linguísticas relativas aos níveis C1 e C2 do QECRL / capacidade de utilizar e entender unidades fraseológicas em contexto situacional relacionadas com a língua

**Destrezas:** expressão oral e escrita / compreensão auditiva / compreensão da leitura / compreensão escrita

**Objetivo comunicativo:** identificar unidades fraseológicas e seu respetivo significado / tradução ou equivalentes fraseológicos na língua espanhola

**Objetivo gramatical:** unidades fraseológicas portuguesas – corpo humano / estados psicológicos e físicos

**Conteúdos Culturais:** uso de unidades fraseológicas portuguesas

**Nível:** C1

**Tempo aproximado:** 120 minutos

**Metodologia de trabalho:** trabalho individual / trabalho em grupo

**Material:** [https://www.youtube.com/watch?v=8GIb6FuKr\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=8GIb6FuKr_o) Consultado a: 13/11/2016 – 18:55h

<http://observador.pt/2015/06/01/expressoes-portuguesas-idiomaticas-ilustradas-de-forma-literal/>

Consultado a: 01/11/2016 - 23:33h

#### Desenvolvimento:

##### ➤ 1ª Fase – Turma por completo

Identificação das características das unidades fraseológicas.

---

---

---

---

---

## ➤ 2ª Fase – Trabalho individual

A partir da canção de Luís Gavião, “Rimas e Provérbios”, os estudantes devem tentar explicar as cinco unidades fraseológicas que se encontram destacadas.

### **Luís Gavião – “Rimas e Provérbios”**

Isto hoje vai diferente

Eu só quero que alguém recorde

São rimas com provérbios

Porque “cão que ladra não morde”

Todos os dias eu faço algo

Tudo aquilo que me apeteça

Eu não quero parecença

**“Cada cabeça sua sentença”**

Uns pensam que tenho a mania

Outros pensam que penso que sou mau

Eu tou aqui tranquilo

**“Casa de ferreiro espeto de pau”**

Eu faço isto há anos

Eu não ando aqui há semanas

Eu nem sei se tu me mentes

Ou “com a verdade me enganas”

Eu agradeço a quem me ajuda

E a quem me faz bem

Já sabem Avó e Mãe

“Depressa e bem não há quem”

Eu tento explicar

E mostrar não é tesouro

“A palavra é de prata e o silêncio é de ouro”

Por vezes é difícil, mas acredito por quem me ouça

Eu tou aqui unido, porque “a união faz a força”

Eu continuo com muita força  
Revivendo cada memória sabendo que “dos fracos não reza a história”

Isto agora é dois em um, “enquanto há vida há esperança”

“E depois da tempestade, vem a bonança”

Eu não quero ser mais que sou

Nem ter o mundo a meus pés

É errado “diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”

Falamos sem saber **“Metemos a carroça à frente dos bois”**

Eu penso ando prevenido “Homem prevenido vale por dois”

Por vezes não se arrisca

Ainda se pergunta o que é que tem

E o que é que tem?

É que às vezes “há males que vêm por bem”

Enquanto não há quem me segure

Pensando que já sabe “não há mal que sempre dure, nem bem que não se acabe”

Não sou atleta, tou magro

Eu não tenho pança

Talvez **“Quem corre por gosto não cansa”**

Por vezes está frio e contigo debaixo da manta

“Quem cala consente”

“Quem canta seus males espanta”

Vem comigo tá frio

Tu mete-me na tua cama

Se calhar devia era chorar

“Quem não chora não mama”

Então não sintam sentimentos

Que não sentem serem vossos

Eu venho pa dizer **“quem comeu a carne que roa os ossos”**

Por vezes andas às voltas até que voltas para cá

E “o que não tem remédio, remediado está”

Eu continuo com muita força

Continuo a espalhar a palavra

Eu continuo comprometido

“O prometido é devido”

Eu não sou só de falar

Eu sei e também escuto

“Mais vale perder um minuto na Vida que a vida num minuto”

### ➤ 3ª Fase – Trabalho individual

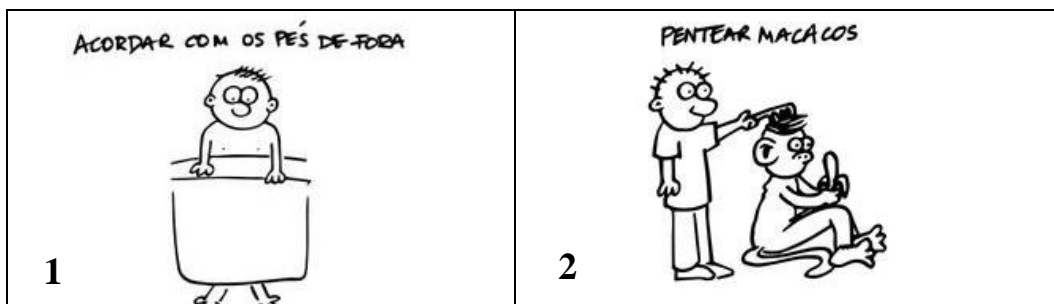
Os estudantes tentam relacionar as unidades fraseológicas com o seu significado.

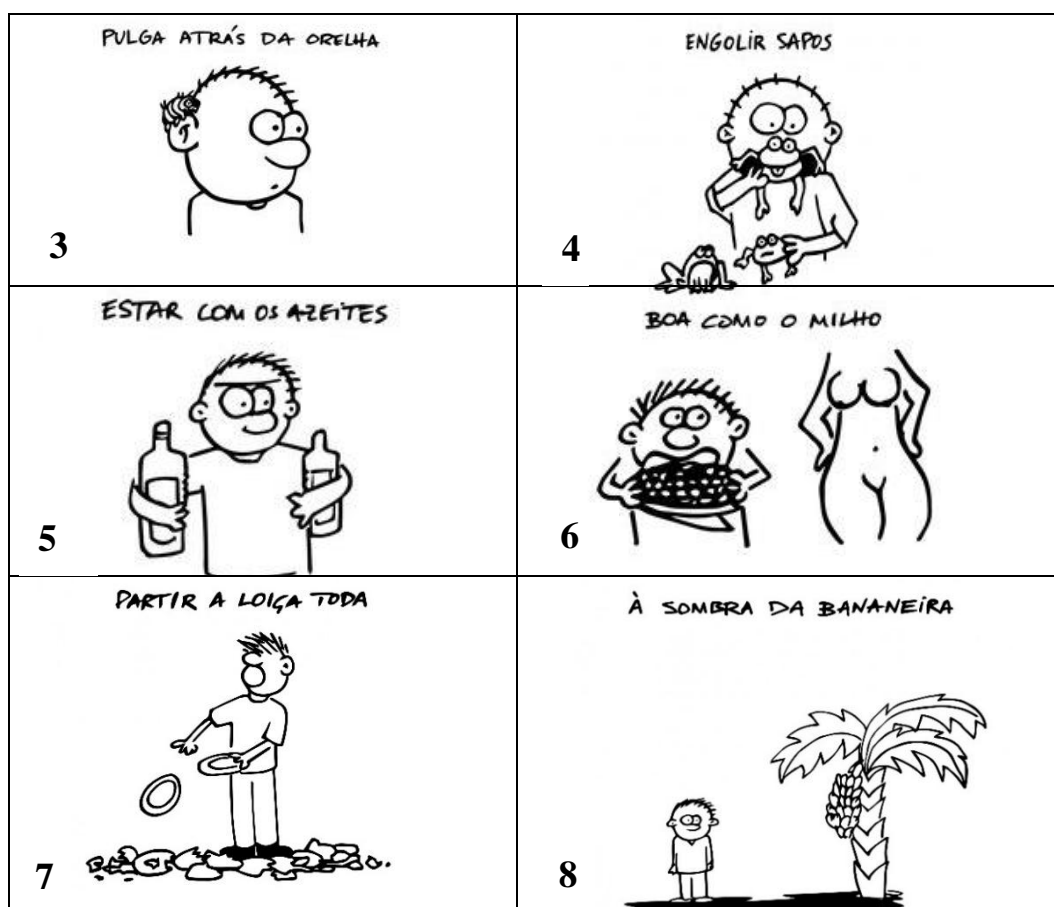
a) Fazer em cima do joelho	1- Fazer com pouca qualidade ou às pressas. 2- Não se lembrar de alguma coisa que se sabe. 3- Saber sem cometer erros e com rapidez. 4- Estar desatento ou estar fora da realidade. 5- Ter fome.
b) Saber na ponta da língua	
c) Bater com o nariz na porta	
d) Ter a cabeça em água	
e) Virar costas	

f) Ter a barriga a dar horas	6- Estar cansado mentalmente.
g) Ter debaixo da língua	7- Recusar, negar, ignorar.
h) Uma mão leva à outra	8- Chegar a algum lado e descobrir que está fechado.
i) Estar com a cabeça nas nuvens	9- Remeter à ideia cooperação, trabalho de equipa.

➤ **4ª Fase – Trabalho individual**

Os estudantes devem corresponder os cartoons e as unidades fraseológicas, utilizadas frequentemente em português, ao seu significado metafórico.





- a) Estar desconfiado ou preocupado; ter suspeitas de algo ou de alguém. \_\_\_\_
- b) Ser inútil, mandar alguém fazer algo desagradável; incomodar outra pessoa. \_\_\_\_
- c) Alguém bonito e com atributos físicos. \_\_\_\_
- d) Estar mal disposto logo pela manhã. \_\_\_\_
- e) Estar despreocupado, não se preocupar com o trabalho, conformismo. \_\_\_\_
- f) Estar aborrecido, chateado com algo. \_\_\_\_
- g) Exceder as nossas expectativas; fazer um escândalo. \_\_\_\_
- h) Estar / fazer contrariado; ser insultado, injustiçado e não poder reagir. \_\_\_\_

➤ **5ª Fase – Trabalho em equipa**

Os estudantes devem tentar encontrar unidades fraseológicas equivalentes em espanhol às ilustradas anteriormente.

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

d) \_\_\_\_\_

e) \_\_\_\_\_

f) \_\_\_\_\_

g) \_\_\_\_\_

h) \_\_\_\_\_

➤ **6ª Fase – Trabalho individual**

Os estudantes devem escrever um diálogo utilizando 4 das unidades fraseológicas anteriores.

---

---

---

---

## Anexo 2

### FRASEOLOGIA E GESTOS

**Contexto situacional:** âmbito quotidiano

**Competências:** competências linguísticas relativas aos níveis C1 e C2 do QECRL / capacidade de utilizar e entender unidades fraseológicas, assim como os gestos associados, em contexto situacional relacionadas com a língua

**Destrezas:** expressão oral e escrita / compreensão auditiva / compreensão da leitura / compreensão escrita

**Objetivo comunicativo:** identificar, compreender unidades fraseológicas e gestos, bem como seu respetivo significado

**Objetivo gramatical:** unidades fraseológicas e gestos portugueses

**Conteúdos Culturais:** uso de unidades fraseológicas e gestos portugueses

**Nível:** C1

**Tempo aproximado:** 120 minutos

**Metodologia de trabalho:** trabalho individual / trabalho em grupo

**Material:**

[https://www.google.es/search?q=express%C3%B5es+idiom%C3%A1ticas+ilustradas&espv=2&biw=1366&bih=638&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj4Lr0yYjQAhWKBBBoKHRx1CaYQ\\_AUIBi\\_gB#imgc=OntyPJXmujVmlM%3A](https://www.google.es/search?q=express%C3%B5es+idiom%C3%A1ticas+ilustradas&espv=2&biw=1366&bih=638&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj4Lr0yYjQAhWKBBBoKHRx1CaYQ_AUIBi_gB#imgc=OntyPJXmujVmlM%3A) Consultado a: 01/11/2016 - 22:15h

#### Desenvolvimento:

##### ➤ 1ª Fase – Trabalho individual

Responder ao inquérito relativo a unidades fraseológicas e gestos portugueses. O estudante deve deduzir o seu significado através da visualização de um vídeo.

##### ➤ 2ª Fase – Trabalho individual

Elaboração de um texto com as unidades fraseológicas, e respetivos gestos associados, abaixo referidos, de forma a entender-se o seu significado metafórico. O estudante deve desenvolver um contexto, de forma a compreender o seu valor fraseológico e a sua intenção comunicativa.

**De trás da orelha** – algo muito bom

**Nariz empinado** – convencido, julgar-se superior

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

➤ **3ª Fase – Trabalho individual**

O estudante deve tentar explicar o seu sentido e o porquê deste gesto ser referente a uma unidade fraseológica, a partir da imagem abaixo.



---

---

---

---



---

---



➤ **4ª Fase – Trabalho individual**

O estudante deve identificar o gesto, assim como a unidade fraseológica correspondente, em ambas as línguas.

<b>Gesto espanhol</b>	<b>Gesto português</b>
 <p data-bbox="352 1653 655 1688"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="237 1756 769 1760"/>	 <p data-bbox="935 1664 1238 1700"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="820 1765 1351 1769"/>

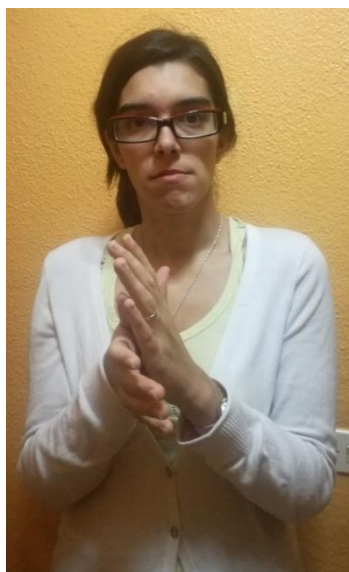
<b>Gesto espanhol</b>	<b>Gesto português</b>
 <p data-bbox="363 1256 671 1296"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="252 1361 785 1364"/>	 <p data-bbox="981 1256 1289 1296"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="869 1361 1402 1364"/>

<b>Gesto espanhol</b>	<b>Gesto português</b>
 <p data-bbox="352 1308 655 1346"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="240 1408 770 1413"/>	 <p data-bbox="936 1308 1240 1346"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="821 1408 1351 1413"/>

<b>Gesto espanhol</b>	<b>Gesto português</b>
 <p data-bbox="341 1196 643 1234"><b>Unidade fraseológica:</b></p>	 <p data-bbox="903 1196 1204 1234"><b>Unidade fraseológica:</b></p>

<b>Gesto espanhol</b>	<b>Gesto português</b>
 <p data-bbox="347 1335 647 1368"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="233 1435 762 1438"/>	 <p data-bbox="916 1335 1216 1368"><b>Unidade fraseológica:</b></p> <hr data-bbox="804 1435 1334 1438"/>

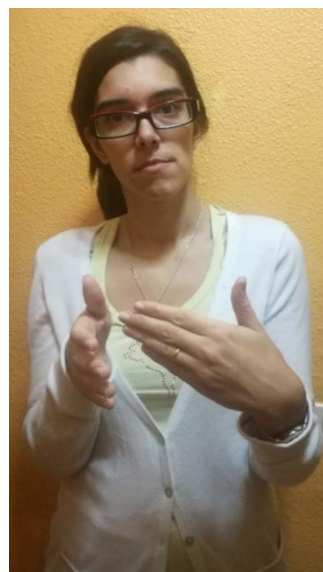
**Gesto espanhol**



**Unidade fraseológica:**

---

**Gesto português**



**Unidade fraseológica:**

---

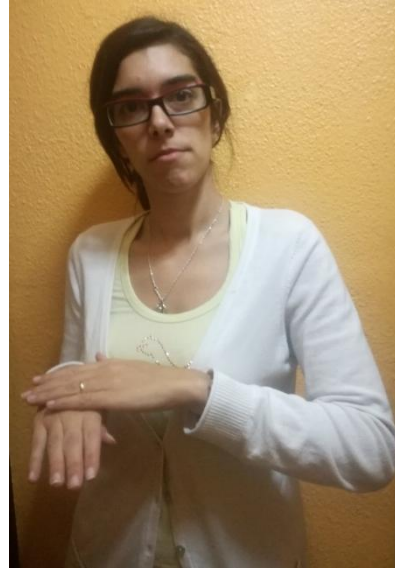
**Gesto espanhol**



**Unidade fraseológica:**

---

**Gesto português**



**Unidade fraseológica:**

---

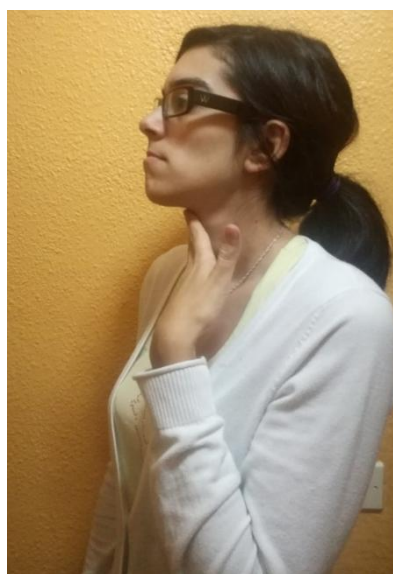
**Gesto espanhol**



**Unidade fraseológica:**

---

**Gesto português**



**Unidade fraseológica:**

---

➤ **5ª Fase – Trabalho individual**

O aluno deve tentar descrever um dos pares de fotografias do exercício anterior (gesto espanhol e o gesto português) e refletir sobre qual seria a melhor forma de o fazer em contexto de tradução.

---

---

---

---

---

➤ **6ª Fase – Turma ao completo**

Os alunos devem discutir entre eles se concordam com a opinião das pessoas que participam no vídeo em relação ao significado dos gestos.



<https://www.youtube.com/watch?v=zUxubuDkPw4>

### Anexo 3

#### INQUÉRITO SOBRE O SIGNIFICADO DE GESTOS

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Local de Nascimento: \_\_\_\_\_

Local de Nascimento do Pai e da Mãe: \_\_\_\_\_

<b>1º Gesto:</b>	
<b>2º Gesto:</b>	
<b>3º Gesto:</b>	
<b>4º Gesto:</b>	
<b>5º Gesto:</b>	
<b>6º Gesto:</b>	
<b>7º Gesto:</b>	
<b>8º Gesto:</b>	
<b>9º Gesto:</b>	
<b>10º Gesto:</b>	
<b>11º Gesto:</b>	
<b>12º Gesto:</b>	
<b>13º Gesto:</b>	
<b>14º Gesto:</b>	
<b>15º Gesto:</b>	

<b>16° Gesto:</b>	
<b>17° Gesto:</b>	
<b>18° Gesto:</b>	
<b>19° Gesto:</b>	
<b>20° Gesto:</b>	

## Anexo 4

tan ilustre intimidad! Al menos para evitar que tanto él como sus amigos, delante del señor Titó, que comía las tostadas de la Feitosa, ipusiesen a los Sanches Lucena como un trapo!

Titó se levantó del sillón y, hundiendo las manos en los bolsillos de su chaqueta de alpaca, se encogió de hombros despreocupadamente:

—Cada cual tiene su opinión sobre Sanches... Yo hace apenas cuatro o cinco meses que lo conozco, pero me parece que es un hombre serio, que sabe cosas... Ahora, en la Cámara...

Gonçalo, indignado, gritaba ique no se discutían los méritos de Sanches Lucena, sino los secretos del señor Titó Vilalobos! Y el criado nuevo, asomando sus rubias patillas por una abertura del cortinón, anunció que el señor alcalde de Vila Clara buscaba a los señores...

Barrolo apartó al instante el jarroncito de tabaco:

—iEl señor João Gouveia! iQue entre! iBravo! iYa tenemos aquí a toda la panda de Vila Clara!

Y Titó, desde la ventana en la que se había refugiado, lanzó su vozarrón más retumbante, apagando la inoportuna conversación sobre Sanches Lucena:

—iHemos venido juntos! Por cierto en una tartana infame... Hasta se le cayó una herradura a uno de los pencos y tuvimos que parar en la Vendinha. Aunque no se perdió el tiempo, iporque ahora tienen allí un vinito blanco de categoría!...

Juntó los dedos y los besó, aconsejando ruidosamente a Barrolo y a Gonçalo que pasasen por la Vendinha, a probar aquel caldo celestial...

—iIncluso aquí el señor padre Soeiro se atizaría un buen vaso, a pesar del pecado!

Pero Gouveia entró, tranquilo, lleno de polvo, con una marca roja en la frente, del sombrero y del calor, ceñido en su levita negra, con pantalones negros y guantes también negros. Sin aliento, estrechó silenciosamente, por toda la sala, las manos amigas que lo acogían. Y se desplomó sobre el canapé, isuplicando al amigo Barrolo, por caridad, una bebida fresca!